



**Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto**  
**Programa de Pós-graduação em Psicologia e Saúde**

---

**ANA CAROLINA NETTO ANDRADE**

**PERSPECTIVAS DA HOMOSSEXUALIDADE:  
AUTOIDENTIFICAÇÃO E VIVÊNCIAS NAS RELAÇÕES FAMILIARES  
DE UNIVERSITÁRIOS**

**São José do Rio Preto**

**2023**

**ANA CAROLINA NETTO ANDRADE**

**PERSPECTIVAS DA HOMOSSEXUALIDADE:  
AUTOIDENTIFICAÇÃO E VIVÊNCIAS NAS RELAÇÕES FAMILIARES  
DE UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia e Saúde,  
como parte dos requisitos para  
obtenção do Título de Mestre.

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA JAQUELINE COELHO PINTO**

**SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP**

**2023**

# FICHA CATALOGRÁFICA

**Andrade, A. C N.**

**Perspectivas da homossexualidade: autoidentificação e vivências nas relações familiares de universitários/** Ana Carolina Netto Andrade - São José do Rio Preto-SP, 2023.

**xi, 72 folhas**

Qualificação (Mestrado) – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP. Programa de Pós-graduação em Psicologia e Saúde.  
Área de Concentração: Psicologia e Saúde.

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Jaqueline Coelho Pinto**

1. Diversidade sexual;
2. Homossexualidade;
3. Autoidentificação;
4. Relações familiares

**ANA CAROLINA NETTO ANDRADE**

**PERSPECTIVAS DA HOMOSSEXUALIDADE: AUTOIDENTIFICAÇÃO  
E VIVÊNCIAS NAS RELAÇÕES FAMILIARES DE UNIVERSITÁRIOS**

**BANCA EXAMINADORA**

**DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE**

---

**Presidente e Orientadora: Maria Jaqueline Coelho Pinto**

**Instituição: Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP**

---

**1ª Examinador: Randolfo dos Santos Junior**

**Instituição: Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP**

---

**2ª Examinador: Milene Soares Agreli**

**Instituição: Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia -  
UFU**

**São José do Rio Preto, 31 de março de 2023**

## SUMÁRIO

Agradecimentos.....	iv
Lista de Anexos.....	v
Lista de Apêndices.....	vi
Lista de Tabelas.....	vii
Resumo.....	viii
Abstract.....	x
Introdução.....	1
Objetivo.....	11
Método.....	11
Colaboradores.....	13
Materiais.....	14
Procedimento.....	14
Análise de dados.....	14
Aspectos Éticos.....	15
Resultados e Discussões.....	15
Conclusões.....	52
Referências.....	55

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus e a toda minha família, em especial aos meus pais, filhos e marido, por me entenderem pelos momentos não partilhados, auxiliarem nos cuidados de meus filhos, incentivarem e apoiarem todo esse processo e a realização dele. Muito obrigada.

Agradeço a Profa. Dra. Jaqueline Pinto, minha orientadora por ter abraçado a ideia deste projeto e pela paciência em ter esperado meu tempo e me acolher, mais do que uma orientadora, um ombro amigo nos momentos difíceis. A todos os professores que transformaram minha vida desde meu ingresso, as colaboradoras do departamento de psicologia e pós-graduação e a CAPES pela oportunidade de realizar essa pós-graduação.

Ingressar em um programa de mestrado sempre foi um sonho e a partir de agora se torna realidade!

## **Lista de Anexos**

Anexo 1. Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	64
--	----

## **Lista de Apêndices**

Apêndice 1. Questionário Sociodemográfico.....	70
Apêndice 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	71



## Lista de Tabelas

Tabela 1 - Perfil dos colaboradores.....	15
Tabela 2. Categoria 1 - Autoidentificação.....	17
Tabela 3. Categoria 2 - Autoaceitação.....	22
Tabela 4. Subcategoria 2.1.1 - Teatro.....	29
Tabela 5. Subcategoria 2.1.2 - Terapia .....	30
Tabela 6. Subcategoria 2.1.3 - Amigos/pares.....	32
Tabela 7. Categoria 3 – Relacionamento afetivo-sexual.....	35
Tabela 8. Categoria 4 - Religião.....	37
Tabela 9. Categoria 5 – “Vida dupla”.....	40
Tabela 10. Categoria 6 – Declaração à família.....	43
Tabela 11. Subcategoria 6.1 – Reações homofóbicas dos familiares.....	49

Andrade, A. C. N. Perspectivas da homossexualidade: autoidentificação e vivências das relações familiares de universitários. (Qualificação de Mestrado). Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/SP.

## RESUMO

O debate em torno de questões que envolvam a sexualidade e gênero vem ganhando cada vez mais espaço, nas últimas décadas, advindo de mudanças culturais e históricas e de padrões que delimitam as relações sociais. O objetivo do presente estudo foi compreender o processo de autoidentificação da homossexualidade de universitários e a vivência nas relações familiares. Trata-se de uma pesquisa qualitativa na abordagem fenomenológica. Os colaboradores foram jovens universitários homossexuais de 3 cursos de nível superior de uma universidade do interior de São Paulo, convidados por meio do método *snowball* ou “bola de neve”, amostra que utiliza cadeia de referências. As entrevistas foram agendadas, a partir do aceite dos colaboradores e realizadas por meio de um diálogo norteado pela seguinte questão: “*conte-me sobre seu processo de auto identificação de sua homossexualidade e como foi declarar sua orientação afetiva aos seus familiares*”. As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra, e posteriormente analisadas dando início a compreensão e interpretação do fenômeno indagado. Buscou-se a fenomenologia como método de análise na busca de compreender a experiência intencional vivida, ou seja, a história de vida do sujeito e seus significados. Os relatos foram submetidos a quatro momentos descritos por AmatuZZi (2011) e Bruns (2011): transcrição dos relatos, leitura e releitura, apreensão das unidades de significado; discriminação das categorias; sintetização das unidades de significado e identificação dos discursos convergentes

e divergentes. Dos relatos dos colaboradores emergiram 6 categorias: autoidentificação; autoaceitação; relacionamento afetivo-sexual; religião; “vida dupla”; e declaração à família. O objetivo desse estudo foi atingir no que tange compreender o processo de autoidentificação da homossexualidade de jovens universitários e como ocorreu a declaração de sua orientação sexual aos seus familiares. Devido à visão negativa e deturpada ainda presente na sociedade acerca da homossexualidade, muitos destes jovens decidiram esconder sua orientação sexual dos demais, vivendo uma “vida dupla”, visto o temor de serem vítimas de discriminações e atos de violências por não se encaixarem no padrão heteronormativo concebido pela nossa sociedade. Assim, o momento da declaração de sua orientação sexual foi rodeado por sentimentos de dúvidas, medos e receios, principalmente quando o jovem decidiu assumir-se para seus familiares, uma vez que se o ambiente familiar é um local de amor, carinho e respeito – algo que, infelizmente, não se fez presente na vida de alguns dos jovens após sua declaração. Através dos dados desta pesquisa, destacaram-se os efeitos negativos decorrentes da rejeição familiar impactaram a saúde mental dos jovens à longo prazo, seja através do desenvolvimento de transtornos psicológicos como depressão e de outros comportamentos de risco. Ressaltou-se, a importância do apoio familiar mediante o processo de “saída do armário” uma vez que o mesmo foi entendido como um fator de proteção e preditor de resultados positivos à vida dos jovens, como aumento da autoestima e fortalecimento do vínculo familiar.

**Palavras-chave:** Diversidade sexual; Homossexualidade; Autoidentificação; Relações familiares.

Andrade, A. C. N. Perspectivas da homossexualidade: autoidentificação e vivências das relações familiares de universitários. (Qualificação de Mestrado). Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/SP.

### **ABSTRACT**

The debate around issues involving sexuality and gender has been gaining more and more space in recent decades, arising from cultural and historical changes and patterns that delimit social relations. The aim of this study was to understand the process of self-identification of university students' homosexuality and their experience in family relationships. This is a qualitative research in the phenomenological approach. The collaborators were young homosexual university students from 3 higher education courses at a university in the interior of São Paulo, invited through the snowball method or "snowball", a sample that uses a chain of references. The interviews were scheduled, based on the acceptance of the collaborators and carried out through a dialogue guided by the following question: "tell me about your process of self-identification of your homosexuality and how it was to declare your affective orientation to your family members". The interviews were recorded, transcribed in full, and later analyzed, beginning the understanding and interpretation of the questioned phenomenon. Phenomenology was sought as a method of analysis in the search to understand the intentional lived experience, that is, the subject's life story and its meanings. The reports were submitted to four moments described by Amatuzzi (2011) and Bruns (2011): transcription of reports, reading and rereading, apprehension of meaning units; discrimination of categories; synthesis of meaning units and identification of convergent and divergent discourses. From the collaborators' reports, 6 categories emerged: self-identification; self-

acceptance; affective-sexual relationship; religion; “double life”; and declaration to the family. The aim of this study was to understand the process of self-identification of homosexuality among university students and how the declaration of their sexual orientation to their family members occurred. Due to the negative and distorted view still present in society about homosexuality, many of these young people decided to hide their sexual orientation from others, living a “double life”, given the fear of being victims of discrimination and acts of violence for not fitting into the standard heteronormative conceived by our society. Thus, the moment of declaring his sexual orientation was surrounded by feelings of doubts, fears and apprehensions, especially when the young man decided to come out to his family, since if the family environment is a place of love, affection and respect – something that, unfortunately, was not present in the lives of some of the young people after their declaration. Through the data of this research, the negative effects resulting from family rejection that impacted the mental health of young people in the long term, whether through the development of psychological disorders such as depression and other risk behaviors, were highlighted. The importance of family support through the process of "coming out of the closet" was emphasized, since it was understood as a protective factor and a predictor of positive results in the lives of young people, such as increased self-esteem and strengthening of family ties.

**Keywords:** Sexual diversity; Homosexuality; Self-identification; Family relationships.

## INTRODUÇÃO

O debate em torno de questões que envolvam a sexualidade e gênero vem ganhando cada vez mais espaço, nas últimas décadas, advindo de mudanças culturais e históricas e de padrões que delimitam as relações sociais.

A sexualidade humana pode ser compreendida pelo resultado de um processo longo de construção e desconstrução e possui uma variedade de determinantes; não possui origem apenas na natureza, apesar de ser tida por muitos como algo inato e imutável, mas é fruto de uma construção social, baseado no momento sócio histórico e no meio em que o indivíduo está inserido, o qual é pautado por diversidade e multiplicidade (Gross & Carlos, 2015).

Desse modo, novas identidades sociais tornaram-se visíveis, assim como suas variações, sendo a sexualidade um fenômeno que transcende o biológico. A formação da identidade sexual do sujeito perpassa por um extenso processo de autoidentificação e diferenciação. Inclui diversos aspectos não somente voltados aos gêneros masculino ou feminino, mas também é expressa por diversas manifestações das orientações sexuais, da identidade de gênero e do sexo a partir de padrões socioculturais (Ciasca, Hercowitz, & Lopes Junior, 2021).

A sexualidade é vivenciada de múltiplas formas em cada sociedade e varia de acordo com os costumes de cada época (Foucault, 1993). Na antiguidade grega e egípcia, era sinônimo de privilégio e honra, assim como para muitas tribos indígenas. Na Idade Média era tida como um dos piores pecados, passível de ser cometido por qualquer pessoa. Na Idade Moderna as pessoas que fugiam à norma da heterossexualidade foram tratadas como doentes ou desajustados. No cenário atual, para a maioria das civilizações as diferentes formas de viver à sexualidade é

uma expressão da diversidade sexual, disseminando-se a ideia de se combater preconceitos e promover uma cultura de maior tolerância e respeito à diversidade (Santos, 2016; Nascimento, Scorsolini-Comin, Fontaine, & Santos, 2015).

A concepção de que a sexualidade seria algo inerente ao ser humano, algo dado naturalmente, se ancora na suposição de que todos vivenciam os corpos e expressões, universalmente, da mesma forma. No entanto, a sexualidade tem um conceito mais amplo envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, dentre outros processos culturais e plurais (Louro, 2015). Para Foucault (1993), a sexualidade é uma invenção social, uma vez que se constitui historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: que regulam, normatizam, instaura saberes e produzam “verdades”.

Essa matriz cultural, “[...] por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ (Butler, 2003, p.38-39)”. Para a autora, os gêneros inteligíveis são aqueles que “[...] instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”. A coerência da identidade de gênero e a existência de gêneros inteligíveis exigem que certas configurações entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejo sejam excluídas. A existência de uma identidade exclui as que não se encaixem nela, portanto um regime de poder.

Para Foucault (1993), o poder é essencialmente aquilo que dita à lei, em relação à sexualidade. Ficando restrito, por ele, a um regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. O autor aponta que a cultura dominante faz com que certas expressões de gênero – diferentes da masculinidade hegemônica e da feminilidade idealizada – tornam-se desviantes.

No entanto, as orientações são entendidas como expressões únicas, que evidenciam a direção do desejo, da atração sexual e emocional da pessoa por outra, ou seja: “[...] por uma pessoa do mesmo gênero (homossexuais), por uma do gênero diferente do seu (heterossexuais), ou se pelos dois (bissexuais) [...]” (Brasil, 2011, p.12), podendo ter relações íntimas e sexuais com estas (Yogiakarta, 2017). Pessoas que sentem atração por outras, independentemente do gênero, são denominadas de pansexuais e uma pessoa assexual manifesta pouco ou nenhum interesse, atração/desejo sexual, dentre outras (Pinto, Bruns, & Zerbinati, 2020).

Por muito tempo, a orientação sexual foi tratada como uma “opção” sexual. Ainda não se sabe o que a determina e sua gênese permanece alvo de pesquisa. Existem muitas teorias sobre a composição da orientação sexual homossexual. O que se acredita é que a junção de vários fatores – de ordem psicológica, genética e sociais que determine a origem de nossos desejos (Corsa, 2003).

No entanto, o fundamental é termos claro que não se trata de uma “opção” ou “escolha”, mas sim um aspecto da personalidade e expressão da sua identidade, pois sentir desejo, atração não é algo que se escolhe e nem algo passível de “reversão”, tratamento médico, psicoterápico ou “cura”. Essa orientação, na verdade, é parte da identidade sexual, algo que pertence ao mundo interno, ao intrapsíquico ou ao psicológico. Assim, o termo orientação sexual é mundialmente usado para designar a direção do nosso desejo (Costa, 2005; Teixeira-Filho, Rondini, & Bessa, 2011; Diehl & Vieira, 2017; Tavares & Justi, 2018).

Segundo a OMS (2016), a orientação sexual se refere à atração/desejo (ou não) física, romântica ou emocional por outras pessoas. Pode ser subdividida em atração sexual quando se relaciona ao desejo, à excitação e ao interesse em



práticas sexuais com outra pessoa. Já a atração afetiva diz respeito ao interesse em manter vínculo e troca de afetos.

Antes do século XIX, a relação entre pessoas do mesmo sexo tinha outros significados e nomeada de outras formas. Somente após o século XX, com o desenvolvimento industrial, começa a surgir a necessidade de estabelecer, nomear, rotular e classificar padrões de normalidade. Assim, a relação entre os iguais deixa de ser um pecado para se tornar objeto de estudo da ciência, sem conotação de doença, desvio ou perversão (Santos, 2016). “Os atos e desejos homossexuais deixaram de ser um comportamento e passaram ao status de uma condição inerente ao sujeito, alheios à sua vontade, uma doença” (Ciasca & Pouget, 2021, p. 21).

Entretanto, a diversidade de identidades e expressões de gênero, assim como de orientações sexuais, pode ser compreendida como manifestações pessoais que apontam a multiplicidade de características que se pode assumir. Porém, quando a compreensão da orientação sexual perpassa pela noção de padrão, ou seja, diferentes da estrutura heteronormativa, predominante na sociedade, estrutura que concebe o exercício da heterossexualidade como norma, passa-se a sustentar sentimentos com base na superioridade, relegando outras formas de vivências das identidades sexuais e de gênero (Dinis, 2013; Rondini, Filho, & Toledo, 2017; Gaspodini & Falcke, 2018).

De acordo com Nascimento e Scorsolini-Comin (2018), aparentemente supõe-se que todos tenham uma direção do desejo heterossexual, para eleger como parceiro de suas relações afetivas e sexuais alguém do gênero oposto ao seu. Conseqüentemente, toda manifestação diferente seria considerada incorreta, pervertida e desviante da norma heterossexual.

Ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribuem rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina (Louro, 2015).

O desconhecimento ou não reconhecimento da diversidade de identidades e expressões de gênero e das orientações homoafetivas pode ser reflexo decorrente da discriminação, do preconceito e da repressão social. A normatização causada pela ciência proporcionou um aumento do preconceito e da discriminação em relação à homossexualidade, fazendo com que, pessoas homossexuais, por muitos anos, viveram presas em si mesmas, com medo de falar, transparecer sua orientação sexual e o sofrimento existente (Diehl & Vieira, 2017).

A mudança de paradigma sobre a homossexualidade como uma variação normal da expressão da sexualidade humana se deu com os estudos de Kinsey, na década de 50, que pesquisou o comportamento sexual de homens e mulheres norte americanos, constatando em seus achados evidências de que os comportamentos ou práticas homossexuais eram muito mais frequentes do que se podia imaginar na época (Diehl & Vieira, 2017).

Movimentos contra a discriminação e preconceito no mundo iniciaram com a “Rebelião de Stonewall”, em 1969, em Nova York, onde vários protestos aconteceram. Foi organizada a “March on Stonewall” e deste movimento nasceu a Frente de Libertação Gay, e um ano depois, a Marcha de Orgulho Gay. O movimento cresceu e se espalhou para vários países, estimulando uma rede de apoio e promovendo discussões e avanços nas políticas públicas para essa população (Gonzaga, 2019).

No Brasil, o primeiro movimento, para conscientização sobre o tema deu-se em 1970 e após, vários outros foram iniciados. Na cidade de São Paulo, em 1979,

ocorreu o movimento gay e em 1980 o primeiro Encontro Brasileiro de homossexuais. A Parada do Orgulho GLBT (Gay, Lésbica, Bissexual e Transgênero) aconteceu em São Paulo em 1997, esses movimentos foram crescendo em todo o Brasil, levando as demandas da comunidade GLBT a público, a fim de reivindicar, seus direitos como cidadãos (Reis, 2007; Ciasca, Hercowitz, & Lopes Junior, 2021).

Hoje, várias capitais e cidades do interior realizam a parada do orgulho LGBTQIA+, forma mais inclusiva de designar as identidades de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer/questionando, intersexo, assexual, e o sinal + para representar as demais identidades sexuais e de gênero (Reis, 2007; Ciasca, Hercowitz, & Lopes Junior, 2021).

O movimento tem como objetivo promover mudanças na visão, postura e hábitos das pessoas através do conhecimento de si e do mundo, desconstruir as identidades homossexuais cristalizadas em busca de vivências mais positivas e melhorar a valorização da diversidade (Reis, 2007).

Com isso, diversas associações multiprofissionais, especialmente de saúde mental, se posicionaram. Em 1973, a Associação de Psiquiatria Americana (APA) removeu da 2ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM II), o termo homossexualismo. Em 1985, o Conselho Federal de Medicina retirou a homossexualidade da lista de patologias e respectivamente em 1990 a Organização Mundial de Saúde (OMS) deixou de considerar a homossexualidade como uma doença mental, na 10ª edição da Classificação Internacional de Doença (CID-10), considerando-a mais uma expressão da sexualidade humana (Ciasca & Pouget, 2021).

Ressalta-se também, os esforços do Conselho Federal de Psicologia (CFP), por meio da Resolução (n.001/1999), que estabeleceu normas éticas para atuação de psicólogos em relação à orientação sexual, pois não considera a homossexualidade como uma doença, perversão ou distúrbio, além de incentivar estudos, discussões e reflexões sobre promoção e bem estar, diminuindo assim o preconceito. Recomendando aos profissionais da área que não deveriam realizar qualquer tipo de tratamento e “cura” que visasse a redefinir a orientação sexual das pessoas (CFP, 1999).

A revelação social da homossexualidade é apontada na literatura como um dos principais desafios para os sujeitos, nem sempre acontece em um momento determinado, um processo difícil de autoidentificação, pois vem de uma necessidade da sociedade e não do indivíduo (Costa, Machado, & Wagner, 2015).

A sociedade, muitas vezes, reage com atos homofóbicos, caracterizado por um ódio doentio a aqueles que não se enquadram ao modelo heteronormativo, levando a atos de punição, vergonha, segregação e violência, através de gestos, olhares, palavras, discursos e até assassinatos (Mott, 2003). Segundo o autor, o Brasil é campeão mundial de violência aos homossexuais, essa denominada de homofobia.

Segundo o anuário brasileiro de segurança pública de 2021 houve em média um aumento de 20% dos crimes relacionados com a população LGBTQI+ quando comparados os anos de 2019 e 2020. Em 2020, 1169 pessoas sofreram lesões corporais dolosas, 121 vítimas de homicídio doloso e 88 foram estuprados (Fórum Brasileiro de Segurança Pública [FBSP], 2021).

A homofobia é um fenômeno complexo e multifacetado, com várias dimensões (social e psicológica) que não se restringe ao indivíduo, por isso é difícil

romper o modelo de homofobia assimilada por todos, impedindo a vivência homossexual de forma plena, sem sofrimento homofóbico no ambiente familiar e social (Perucchi, Brandão, & Vieira, 2014).

A palavra homofobia por estar associada a uma perspectiva médica e limitando-se a área, sem os debates políticos sobre o assunto acaba impedindo o aumento das discussões e o enfretamento da violência contra os homossexuais. A informação e a construção de um novo sistema de identidade sexual devem substituir os sentimentos de ódio, intolerância, medo e desconhecimento (Andrêo, Peres, Tokuda, & Souza, 2016).

Borrillo (2010) relata que a homofobia precisa ser compreendida e entendida em sua complexidade, o preconceito não tem origem unicamente no indivíduo e tampouco no coletivo e sim na sociedade que construiu um sistema que nutre a exclusão e a dominação, onde a lógica binária reprime e pune todos os atos contrários aos comportamentos masculinos. Para o autor, é necessário um trabalho educacional e não somente a repressão individual para promover a redução da homofobia.

De forma geral, “sair do armário” (termo emprestado da língua inglesa – coming-out of the closet) é um processo do qual a pessoa se reconhece, se apropria e desenvolve a sua orientação sexual. Esse processo de se assumir e revelar, não se configura como um processo simples, na maioria das vezes inicia-se na adolescência e na juventude e o momento adequado e a forma como fazê-lo, cabe somente à pessoa (Defendi & Khouri, 2021).

Para os autores, quando passam a vivenciar a sua homossexualidade, compartilhar com outras pessoas e tornar visível socialmente sua orientação afetivo-sexual, isso pode torná-los mais vulneráveis a apresentar problemas de saúde física

e mental, rejeição familiar e social, exposição a riscos de violência psicológica e física, elevando a possibilidade de apresentarem níveis de depressão, tentativas de suicídio, dentre outros transtornos mentais.

Na dimensão individual notam-se sentimentos de raiva, temor, insegurança e não aceitação, e na dimensão social ocorre à exposição à violência, não somente psicológica como física, mas também moral que pode ser advinda tanto da família como da sociedade. Em relação à família vivenciam sentimentos de medo e culpa para enfrentar o preconceito de seus pais e assumir sua orientação sexual, aspectos estes considerados importantes estressores para pessoas LGBTQIA+ (Zanatta, Ferraz, Klein, Marques, & Ferraz, 2018; Defendi & Khouri, 2021).

Segundo Savin-Williams e Dubé (1998) a família ao receber a revelação da orientação sexual de seu filho pode passar por um processo compostos por fases, essas foram baseadas no trabalho sobre luto de Elizabeth Kubler-Ross (1998). O choque não é considerado uma fase, mas sim uma reação inicial dos pais à declaração ou descoberta da orientação sexual dos filhos. Essa reação inicial é a que mais assusta os jovens, por tudo o que pode ser dito ou feito, prejudicando o relacionamento deles. Compreende cinco fases, conforme disposto abaixo:

1ª fase: negação e/ou isolamento - os pais se recompõem do choque inicial e começam a entender a nova realidade. A negação fornece uma área intermediária, um tempo para recuperarem e assimilarem a declaração, momento bastante difícil e ansioso, em que se recusam em acreditar e buscam evidências contrárias.

2ª fase: raiva e/ou culpa - raiva por não ter um filho como desejavam ou culpam pessoas que eles acham que influenciaram a orientação sexual de seus filhos.

3ª fase: barganha - os pais tentam negociar com seus filhos, com eles se fizeram algo errado e até mesmo com Deus.

4ª fase: depressão, luto e vergonha - os pais sentem tristeza decorrente do processo de luto, e muitas vezes o assunto vira um segredo de família.

5ª fase: aceitação - os pais necessitam cumprir seu processo de luto e reconhecer que são pais de filhos homossexuais, não sentindo vergonha e/ ou culpa deles e nem mantendo o assunto em segredo.

Outro fator problematizador, que leva a dificuldade no processo de aceitação dos pais a homossexualidade de seus filhos é a religiosidade, cuja à mesma a coloca numa posição de doença ou desvio do que considera normal. Mas, muitos passam a respeitar a orientação sexual dos filhos, quando percebem que os valores e princípios de seus filhos não mudam em razão disso (Zanatta et al. 2018).

Além de todas as preocupações em proteger, os planos de vida feitos (ter filhos e um bom emprego) e expectativas em relação ao futuro de seus filhos que após a revelação são frustrados, isso faz com que vivenciem um processo de luto (Costa, Machado, & Wagner, 2015; Toledo & Filho, 2013).

Em contrapartida, para os filhos, a revelação de sua orientação sexual traz uma sensação de alívio por não mentir ou ocultar sua identidade para seus familiares, promovendo saúde, além de poderem expressar mais livremente sua sexualidade e seus relacionamentos, a ocultação traz sofrimento significativo diminuindo as chances de bem estar e felicidade no decorrer da vida (Zanatta et al. 2018; Toledo & Filho, 2013).

Para as mães, o processo de aceitação começa por entenderem que as causas da homossexualidade são alheias ao seu controle e que não são culpadas

por isso. Aqueles que têm apoio de amigos e familiares lidam com sua sexualidade mais facilmente e com menor sofrimento (Hauer & Guimarães, 2015).

Muitas vezes, problemas no processo de comunicação e entendimento faz com que se criem os segredos de família e que a família exija um comportamento do jovem mais discreto, o mais próximo dos padrões socialmente aceitos (Silva, Frutuoso, Feijó, Valério, & Chaves, 2015). A manutenção desse segredo e da submissão aos padrões desejados dos familiares está relacionada à dependência financeira e/ou emocional (Toledo & Filho, 2013).

Essa privação de sentimentos e encobrimento de sua sexualidade faz com que os jovens não recebam apoio social e proteção familiar como os jovens heterossexuais recebem, ou são expulsos de casa, ou se privam de expor a vivência de sua sexualidade para evitar conflitos familiares e afetar imensamente o seu desenvolvimento psicológico e social (Perucchi, Brandão, & Vieira, 2014).

Assim, considerando a importância do tema e em busca de compreender os significados e sentidos atribuídos por jovens homossexuais a sua vivência, sobretudo a descoberta de sua sexualidade, a aceitação e o processo de revelação aos familiares é que foi elaborado o objetivo deste trabalho.

## **OBJETIVO**

Compreender o processo de autoidentificação da homossexualidade de jovens universitários e a vivência nas relações familiares.



## **MÉTODO**

### **Delineamento do Estudo**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e transversal, na abordagem fenomenológica.

A fenomenologia tem como objetivo central descrever a realidade e a intenção de acessar o mundo subjetivo do fenômeno em questão. Para Amatuzzi (2009), a abordagem fenomenológica é um método de pesquisa qualitativa que designa o estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado; ou qualquer estudo que tome o vivido como pista ou método. É a pesquisa que lida, portanto, com o significado da vivência.

Nesse processo de análise, o pesquisador deve assumir uma conduta de “suspensão de juízo de valores”, chamada de “redução fenomenológica”. O conhecimento inicial acerca do fenômeno que pretende investigar deve superar o impasse existente entre subjetividade e objetividade. A postura deve ser de intencionalidade em relação ao fenômeno estudado, já que é a nossa consciência que atribui sentido e significado ao mundo (Bruns, 2011).

Assim, adotou-se como método nesse estudo a pesquisa qualitativa com jovens universitários homossexuais de uma instituição de ensino superior pública do interior de São Paulo. As entrevistas foram realizadas pela perspectiva fenomenológica, consistindo um diálogo norteado por uma questão, no caso dessa pesquisa: *“Conte-me sobre seu processo de autoidentificação de sua homossexualidade e como foi declarar sua orientação afetiva aos seus familiares”*. Foram gravadas e, posteriormente transcritas e analisadas para extração das informações coletadas. Realizadas em local seguro, definido pela pesquisadora ou

pelos colaboradores, garantindo, desta forma, o sigilo e a integralidade das informações coletadas.

Optou-se em chamar os participantes deste estudo de colaboradores, pela compreensão de Amatuzzi (2011) quando corrobora dizendo que a pesquisa que utiliza este método de análise, não busca sujeitos que meramente forneçam informações, mas colaboradores que, junto com o pesquisador vão olhar para o fenômeno indagado. O colaborador é quem compartilha de sua experiência, enquanto o pesquisador apreende os sentidos e significados que este atribuiu a sua vivência.

### **Colaboradores**

Foram colaboradores seis jovens universitários homossexuais entrevistados no período entre novembro de 2021 e março de 2022, conforme a amostragem de cadeias de referência, ou seja, para a seleção dos colaboradores da pesquisa, utilizou-se a técnica metodológica *snowball* também chamada *snowball sampling* (Biernacki & Waldorf, 1981). Técnica, conhecida no Brasil como “amostragem em Bola de Neve”, ou “Bola de Neve” ou, ainda, como “cadeia de informantes” (Penrod, Preston, Cain, & Starks, 2003; Goodman, 1961).

Inicialmente contatou-se um informante-chave para alcançar pessoas dentro da população geral, que tinham o perfil necessário para participar da pesquisa. Esse primeiro colaborador foi convidado por meio da orientadora através de contato professora aluno da instituição. Após o término da primeira entrevista, solicitou-se que o participante indicasse uma pessoa de sua rede pessoal que possuísse o perfil e características necessárias para a pesquisa. Desta forma, a amostragem da pesquisa foi crescendo gradativamente até que a amostra necessária fosse atingida

### **Crêterios de Inclusão:**

Jovens universitários que aceitaram participar da pesquisa, com idade acima de 18 anos de idade, com orienta o homoafetiva.

### **Materiais**

- ✓ Questionário sócio demográfico (Apêndice 1), elaborado pela própria pesquisadora, com dados referentes   idade, estado civil, cor, religião, escolaridade e idade que se auto identificou como homossexual e se declarou para a família.
- ✓ Entrevista compreensiva gravada e previamente orientada, consentida pelos colaboradores.

### **Procedimento**

Após o convite, aqueles que aceitaram participar, além de terem suas dúvidas esclarecidas em rela o   pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B), que garantisse que as identidades e informa es oferecidas   pesquisadora fossem mantidas em sigilo. Os interessados entraram em contato, para definir horários e locais para as entrevistas individuais, respeitando a conveniência e as condi es de privacidade dos colaboradores.

### **ANÁLISE DE DADOS**

Após os relatos, as informa es coletadas por meio das entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas. Amatuzzi (2011) e Bruns (2011) propõem que essa análise seja conduzida em quatro momentos distintos: 1. Transcri o na íntegra dos depoimentos e leitura ampla, 2. Elabora o e discrimina o das "unidades de significado", 3. Agrupamento em categorias que expressem o insight

psicológico encontrado no discurso do colaborador. 4. Integração dos insights das “unidades de significado” em temas ou categorias divergentes/convergentes, o que acarretará em uma melhor compreensão da estrutura geral do fenômeno indagado.

Os depoimentos foram submetidos à análise qualitativa na abordagem fenomenológica, na busca de compreender os significados e sentidos atribuídos pelos colaboradores as suas vivências.

## **ASPECTOS ÉTICOS**

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FAMERP, de acordo com a Resolução CNS 510/2016 (BRASIL, 2016) e recebeu o parecer de nº 4.866.059, em 26 de julho de 2021 (anexo I).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Participaram seis colaboradores cujos perfis encontram-se na Tabela 1. Os nomes dos colaboradores foram substituídos por números a fim de preservar suas identidades. Em seguida serão apresentadas as categorias de significados que foram apreendidas a partir das leituras dos depoimentos transcritos, as quais serão seguidas de análise compreensiva e interpretativa.

### **Perfil dos colaboradores**

#### **TABELA 1**

Perfil dos colaboradores

<b>Colaboradores</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>Idade</b>	30	22	26	20	31	19
<b>Estado civil</b>	solteiro	solteiro	solteiro	solteiro	solteiro	Solteiro
<b>Tem parceiro(a)</b>	sim	não	Sim	não	não	Não
<b>Com quem mora?</b>	pais	amigos	namorado	sozinho	mãe	Amigos
<b>Escolaridade</b>	superior incompl.	superior incompl.	superior incompl.	superior incompl.	superior completo	superior incompl.
<b>Cor</b>	branco	branco	branco	branco	pardo	preto
<b>Religião</b>	ateu	ateu	católico	agnóstico	agnóstico	não tem
<b>Idade auto identificação</b>	13	7	15	16	14	13
<b>Idade declarou</b>	20	22	16	19	17	15

A tabela 1 apresenta o perfil dos colaboradores da amostra dos jovens entrevistados, cuja idade variou entre 19 e 31 anos. Todos, no momento, solteiros, dois tinham parceiros e destes, apenas 1 morava com o parceiro. O colaborador 5 foi o único que tinha o ensino superior completo e encontrava-se em sua segunda formação. Somente o colaborador 3 relatou ter alguma religião. Em relação à cor auto atribuída, 2 colaboradores se intitularam pardo e/ou preto (4 e 5).

A idade em que ocorreu a autoidentificação da orientação sexual variou entre 7 e 16 anos. A idade da declaração aos familiares variou entre 15 e 22 anos. O tempo entre a autoidentificação e a revelação da orientação sexual aos familiares variou entre 1 e 15 anos.

O percurso de assumir a homossexualidade, em geral passa por diversos momentos/fases. Estudos revelaram que o processo de atração sexual se inicia em

média na infância e adolescência por volta dos 10 anos de idade, essa atração pode ser direcionada a pessoas do mesmo sexo, de outro ou de ambos os sexos, independentemente do desejo e de como ocorreu sua educação (Hercowitz & Santos, 2021).

Nesta fase se percebem diferentes dos outros, entretanto a autoaceitação pode ocorrer mais tardiamente por volta dos 20 anos, havendo uma melhor aceitação de sua expressão sexual e da forma de se relacionar afetiva e sexualmente (Teixeira, Marretto, & Mendes, 2012).

### **Análise compreensiva e interpretativa dos relatos dos colaboradores**

A partir dos passos já apresentados anteriormente de acesso à vivência do sujeito desta pesquisa, a seguir, serão apresentadas as seguintes **categorias** e suas respectivas **subcategorias** apreendidas dos relatos dos colaboradores universitários, bem como a análise compreensiva e interpretativa destas agrupadas por temas, são elas: autoidentificação; autoaceitação; relacionamento afetivo-sexual; religião; “vida dupla”; declaração à família.

#### **Categoria 1 – Auto identificação**

Nessa categoria, houve o relato das primeiras vivências dos colaboradores sobre o processo de autoidentificação de sua orientação sexual.

#### **TABELA 2**

##### **Categoria 1 – Autoidentificação**

Colaboradores	Relatos
1	“Foi na época da escola... Eu via muita coisa, antigamente tinha

	<p>uns programas que passavam na TV à noite eu sempre assisti, tinha uma sexóloga e ela falava de tudo, de corpo da mulher, corpo do homem, relacionamento, prazer e tudo mais. E aí que fui entendendo que na verdade eu não sentia atração por mulheres e sim, por homem. Começou aí, por volta de uns 13, 14 anos mais ou menos”.</p>
2	<p>“Meu processo de autoidentificação começa desde criança, então desde muito novinho, 6, 7 anos eu já percebia através da minha relação com os meus colegas alguma coisa diferente, eu tenho essa memória, dos 10 anos, 12 anos, entrando na puberdade e isso vai se intensificando, então vai surgindo dúvidas em relação ao meu desejo, principalmente nesse início da puberdade. E nessa época eu percebia que eu era diferente, mas eu não sabia exatamente o que era, não tinha nome para isso. E eu vou tentando entender aos poucos (...) No início da adolescência é muito difícil, quando eu percebi que eu sentia desejo por homens, eu lembro de todas as noites praticamente pedir para Deus: “não quero sentir isso, isso não está certo, amanhã eu quero acordar diferente”, foi bem sistemático na minha vida, por muito tempo. Eu tomava banho pensando nisso, a relação com o seu corpo, com o seu desejo e isso era bastante frequente, esse pedido para que as coisas fossem diferentes”.</p>
3	<p>“Desde criança eu sempre soube. Nas minhas relações, como eu me relacionava com meninas, como eu me relacionava com meninos, o que eu sentia na presença de cada um deles e enfim, a sociedade pode até negar, mas criança tem uma sexualidade, então desde sempre eu sabia onde ocorria uma atração maior. Mas acho que é isso, desde que eu tive consciência de mim, da sociedade e do meu corpo porque a gente precisa de uma certa leitura social para saber o que está certo e o que está errado, ler o ambiente e o meu ambiente sempre foi muito homofóbico, então era evidente o contraste, desde pequeno”.</p>
4	<p>“E aí entre esses 16 até os 18, esses 2 ou 3 anos, eu tive essa mudança entre tentar me descobrir homossexual e foi muito complicado, foi uma luta interna, até meus 19 anos ninguém sabia, absolutamente ninguém sabia, foi uma luta muito interna porque eu mesmo me julgava e eu tinha uma religiosidade muito forte, eu mesmo achava que eu ia ser punido, que aquilo não era certo e eu tentava reprimir muito. Mas quanto mais eu reprimia, mais eu queria. Até que chegou um ponto que eu percebi que eu fui aceitando aos poucos, e não é só aceitando, mas era algo muito incontrolável, chegava uma hora que eu sentia tanta atração sexual e na hora em que eu ia fazer a masturbação pensando em pessoas do sexo oposto, eu não conseguia me saciar, não conseguia chegar em nenhum ponto. E aí chegava uma hora que eu ficava tão irritado que eu fazia pensando no mesmo sexo, só que aquilo</p>

	<p>gerava horas de choro, horas de angústia e o que eu estava fazendo era super errado. E foi indo assim, até que chegou um ponto que cada vez que eu fazia, um pouco menos pior eu me sentia, eu ia me sentindo um pouquinho melhor, não gerava tanta raiva, tanta angústia e aí naquele meio tempo eu percebi que eu teoricamente sempre fui assim e que aqueles momentos em que eu sentia algo diferente pensando em pessoas do mesmo sexo era a própria atração, porque naquela época eu não enxergava isso, era a própria atração e aí eu fui percebendo que eu sempre fui assim, só que eu reprimia muito”.</p>
5	<p>“O meu processo de percepção aconteceu na minha adolescência, onde eu comecei a perceber a partir de filmes que eu assistia na TV, ou quando eu alugava que eu achava os rapazes do filme bonito, que eu me interessava mais pelos meninos do que pelas meninas, e aí acho que quando começa a puberdade eu começo a ter desejo pelo gênero masculino”. “Na escola eu me lembro de gostar dos meninos da minha turma, foi onde eu fui percebendo que eu era gay”.</p>
6	<p>“Comecei a perceber isso tudo muito cedo, acho que principalmente por ter toda aquela suposição da própria família mesmo, de "nossa, ele é um pouco mais afeminado, ele anda rebolando ou põe a mão na cintura para tirar foto", então sempre teve essa pressão em cima de mim, sabe, não sei se isso acabou influenciando de uma forma boa ou ruim. Às vezes, eu começava a perceber "nossa, eu sou diferente do meu irmão que tem a voz muito mais grossa do que a minha" ou então "ele gosta de futebol", "eu gosto de ficar aqui brincando com a minha irmã" ou "gosto de ficar assistindo televisão porque não me sinto bem com outras pessoas". Então eu acho que começou muito de infância mesmo pelos meus gostos pessoais, e não questão que indique alguma coisa, mas pra muitas pessoas acabam sendo importantes”.</p>

Os relatos dos jovens universitários revelaram experiências diversas. Nos últimos tempos, pesquisadores têm enfatizado o estudo da formação da identidade homossexual. De acordo com Cass (1979), vários aspectos são importantes de serem analisados no processo de autoidentificação e propôs um modelo de seis estágios: 1. Confusão de identidade, 2. Comparação de identidade, 3. Tolerância de identidade, 4. Aceitação de identidade, 5. Orgulho de identidade, 6. Síntese de identidade. Para a autora, os estágios são diferenciados com base nas percepções



da pessoa sobre seu próprio comportamento e nas ações que surgem como consequência dessa percepção.

Nesse sentido, observamos nos relatos dos colaboradores que a pessoa é vista como tendo um papel ativo na aquisição de sua identidade homossexual.

A princípio, ocorre a confusão de identidade (estágio 1), sensação de incongruência entre a percepção de ser heterossexual e homossexual. Nota-se que, ao falar sobre o reconhecimento de sua orientação sexual, os colaboradores expõem, gradualmente, a direção do seu desejo afetivo-sexual.

Nos relatos percebeu-se a comparação de identidade (estágio 2), momento em que ocorre uma aceitação melhor da orientação sexual, podendo oscilar entre o repúdio ou alívio (Cass, 1979). Na tentativa de se defenderem da percepção de seu desejo, os colaboradores revelaram o encobrimento de sua identidade com mecanismos psicológicos ou ritualísticos que tem por intuito corresponder ao padrão social normativo da heterossexualidade e que pode ser notado no relato do colaborador 2: (...) quando eu percebi que eu sentia desejo por homens, eu lembro de todas as noites praticamente pedir para Deus: “não quero sentir isso, isso não está certo, amanhã eu quero acordar diferente”.

Goffman (1980) chama de encobrimento ao fato de a pessoa estigmatizada esconder e manipular informações sobre sua verdadeira identidade. Na infância e adolescência eles percebem que sua vida seria mais fácil se fossem iguais a todo mundo, não sendo alvos de piadas, imitações e agressões psicológicas (xingamentos) e físicas, o que faz com que eles tenham medo, vergonha, negação do que sentem, baixa da auto-estima e da espontaneidade. Antes de ocorrer a autoidentificação, eles vivenciaram experiências negativas devido a estereótipos,

comportamentos e atributos que são estigmatizados por uma determinada sociedade (Hercowitz & Santos, 2021; Goffman, 1980; Moreira & Melo, 2008).

No estágio (3), tolerância de identidade, admite-se que provavelmente são homossexuais, reduzindo a confusão de identidade e buscando suas próprias necessidades emocionais, sociais e sexuais. Nesse estágio ocorre a procura por iguais, se tiver modelos positivos, a aceitação acontece de uma forma melhor. Se a experiência for negativa, aumenta o autoconceito negativo. Se a exclusão da identidade não ocorre, a pessoa é levada a um maior compromisso com sua identidade gay, lésbica ou bissexual (Cass, 1979).

O estágio (4), aceitação de identidade, o indivíduo aumenta o contato com o mundo dos iguais. Sentimentos de incongruência e alienação, muitas vezes continuam por causa da falta de aceitação por parte da comunidade heterossexual. Nesse estágio, eles podem se encaixar tanto no mundo homossexual quanto no heterossexual, esta estratégia pode funcionar e muitos vivem suas vidas bem nesta fase (Cass, 1979).

O relato do colaborador 2 exemplifica bem esse estágio: “Ainda quando eu me assumi, eu ainda tinha algumas questões, eu não ficava com meninos afeminados, eu falava: “se eu tivesse nascido hétero seria mais fácil”, “por que eu não nasci hétero?”, então ainda tive um período de muita desconstrução, foram alguns anos para eu passar por isso”.

Estágio (5), orgulho de identidade, rejeitam estratégias para esconder sua orientação sexual e, muitas vezes, renegam valores e instituições heterossexuais. Pode surgir, um estágio de ativismo contra a opressão percebida. As reações pessoais de amigos heterossexuais e outras pessoas nesta fase podem ser

positivas e/ou negativas. Se foram negativas, a pessoa tende a permanecer nesta fase (Cass, 1979).

O estágio (6), síntese de identidade, a mentalidade “nós” e “eles” dá lugar a uma visão mais diferenciada. Os sentimentos de orgulho continuam, mas passam a reconhecer que a dicotomia entre o mundo homossexual e heterossexual não é tão claro quando percebia anteriormente. As visões pessoais e públicas de si são sintetizadas e a identidade sexual de uma pessoa torna-se menos importante pois é integrada em todos os outros aspectos do eu (Cass, 1979).

Os relatos dos colaboradores 1, 2, 5 e 6 mostraram que a passagem pelos estágios de Cass (1979) aconteceu de uma forma mais tranquila. No entanto, os colaboradores 3 e 4 essa vivência deu-se de uma maneira mais difícil, carregada de sofrimentos, angústias e culpa.

### **Categoria 2 – Autoaceitação**

Nessa categoria os colaboradores relataram sobre como se deu o processo de autoaceitação de sua orientação afetivo-sexual.

### **TABELA 3**

Categoria 2 - Autoaceitação

Colaboradores	Relatos
1	“Eu nunca tive problema com isso, sei que tem muita gente que tem resistência, até mesmo por conta de religião, família, mas para mim era indiferente”. “Nunca tive nenhum problema de falar: “é errado”, para mim é uma coisa natural, eu sempre enxerguei como natural mesmo, nunca foi um problema para mim”.
2	“Eu tentei muito entender o que fez eu ter tanta dificuldade em me aceitar, tendo uma família tão adequada. Mas eu acho que é um produto da época, era uma época que era difícil, mesmo tendo uma família muito acolhedora não se falava disso abertamente e

	<p>tinha a preocupação, não se sabia direito o que era, aí que eu tive muito medo, então foi bem sofrido, eu tive uma adolescência no geral bem... tanto que eu fui muito melancólico, entrava no quarto e ficava no quarto, tinha pouquíssimos amigos, estudava muito, então entrei nessa. E foi a ida para faculdade que me ajudou muito e a sorte que eu tive de conhecer as pessoas lá. Eu fui da vergonha para o orgulho e aí ser gay para mim virou uma coisa, assim, incrível, incrível, incrível. Ainda quando eu me assumi, eu ainda tinha algumas questões, eu não ficava com meninos afeminados, eu falava: “se eu tivesse nascido hétero seria mais fácil”, “por que eu não nasci hétero?”, então ainda tive um período de muita desconstrução, foram alguns anos para eu passar por isso. Quando eu passo, aí eu falo: “cara, eu amo ser gay”, não tenho vergonha nenhuma, falo abertamente, hoje sou completamente assumido, falou que eu sou gay, veado, bicha, para mim não tem problema nenhum nome e pretendo continuar assim”.</p>
3	<p>“Levei um ano para falar em terapia, me aceitei lá, aí ficou tudo bem comigo, contei para todos os meus amigos, fiz uma rede de apoio seleta de amigos”.</p>
4	<p>“Foi só com meus 19 anos que eu consegui olhar para mim e falar: “eu tenho atração sexual por homens, isso não me torna melhor nem pior do que as pessoas”, às vezes eu acho que isso me torna uma versão melhor minha porque isso me deixa um pouco sensível às questões alheias, eu entendo o que é ter uma dor e eu entendo o que é ter uma dor e você não conseguir procurar ninguém, você se sentir afogado pelos seus sentimentos (...) eu prometi para mim mesmo que quando eu entrasse na faculdade eu não ia esconder quem eu sou, até dei uma exagerada porque agora todo mundo sabe quem eu sou. Mas eu me sinto livre, então é uma coisa que eu conto para todo mundo sem medo de ser julgado, eu conto que eu sou homossexual, que eu gosto de homem, eu conto várias coisas em relação à questão da minha sexualidade que eu não contava e nunca contei para ninguém. E a partir do momento em que eu entrei na faculdade, eu prometi que eu não ia mais esconder. É claro que quando você decide não esconder, você está propenso a sofrer homofobia, como eu sofri várias vezes aqui, mas não em nenhum momento eu trocaria a minha liberdade, é muito bom”.</p>
5	<p>“Quando eu me assumi gay para minha família, eu passei a ver de alguma forma que eu não queria experienciar a minha orientação sexual. Nesse momento eu vou para um seminário, aos 18 anos eu entro em um seminário católico para ser padre, um lugar onde obviamente seria fechado a questão da vivência da sexualidade, o que fazia muito sentido para mim na época, talvez meio que inconsciente, porque eu queria me afastar disso. Por mais que eu me visse dentro dessa orientação, mas eu estava me afastando da orientação. Eu acho que na minha história quem mais me oprimiu fui eu mesmo, eu sempre tive essa ideia de me proteger, proteger</p>

6	<p>minha família sobre o que vão pensar sobre ela e aí eu acabei me colocando nesse lugar”.</p> <p>“Tem dias que estou ótimo e eu supero. Me sinto muito decidido. Falo "Caramba, eu realmente sou gay, adoro me relacionar com homens e estou feliz assim". Mas também há momentos em que eu fico "nossa, será que eu realmente sou gay ou será que realmente ser gay é uma coisa certa?". Uma coisa que eu sinto também, por conta de toda a minha jornada, é que muitas vezes eu me subestimo muito e me autossaboto demais. "Porque ser gay faz com que você tenha que ser muito melhor do que todo mundo para compensar o fato de você ser gay". E tudo acaba piorando também por conta da minha cor de pele, por conta do meu cabelo e por conta de ser um gay afeminado, coisas desse tipo. Então tem dias que está tudo bem, mas também tem dias que são bem difíceis”.</p>
---	---

O processo de autoaceitação coincide com a busca de informações mais claras e positivas sobre a homossexualidade, bem como com a tentativa de estabelecimento de relações afetivo-sexuais mais íntimas e menos efêmeras, seguidas por tentativas de saída da invisibilidade e do segredo para seus familiares (Teixeira, Marretto, & Mendes, 2012).

Para os colaboradores o período da graduação trouxe uma vivência positiva, como se observa no relato do colaborador 2: “E foi à ida para faculdade que me ajudou muito e a sorte que eu tive de conhecer as pessoas lá. Eu fui da vergonha para o orgulho e aí ser gay para mim virou uma coisa, assim, incrível, incrível, incrível”. E do 4: “E a partir do momento em que eu entrei na faculdade, eu prometi que eu não ia mais esconder. E claro que quando você decide não esconder, você está propenso a sofrer homofobia, como eu sofri várias vezes aqui, mas não em nenhum momento eu trocaria a minha liberdade, é muito bom”.

Notou-se que caminhos alternativos de desenvolvimento são propostos dentro de cada estágio. A noção de que as pessoas podem aceitar a homossexualidade como um status positivamente valorizado pode ser assumida,

tendo em vista contextos de vulnerabilidade que envolve o exercício da sexualidade numa sociedade homofóbica (Taquette & Rodrigues, 2015).

Para os colaboradores 2, 3, 4, 5 e 6 o processo de aceitação foi um caminho difícil a ser percorrido, com uma série de conflitos internos até ao momento de se autodeclararem homossexuais. O estudo de Nascimento e Scorsolini-Comin (2022) mostrou que esse processo é um fenômeno cada vez mais comum, pois as reações contraditórias e, por vezes, de manifestações violentas, por parte da família e da sociedade podem ocorrer. Entretanto, os jovens foram expostos a elas de forma distinta, com desdobramentos que afetaram suas identidades e relações intersubjetivas (Taquette & Rodrigues, 2015).

O colaborador 2 apresentou dificuldades de aceitação da sua homossexualidade, as quais o levou a ter comportamentos autopunitivos e revela:

“Uns 15, 16 anos talvez começa uma fase mais difícil ainda, que é quando eu vou para a internet e aí na internet eu acesso espaços muito ruins, eu entrava em fóruns, comunidades da internet que eram muito homofóbicos. Hoje, refletindo sobre isso, eu acho que aquilo era uma forma de autopunição minha, eu pensava que se eu entrar em contato com a violência contra isso, isso vai desaparecer de alguma forma. Então, eu frequentei isso por muito tempo, eu acessava, lia e tudo mais. E de alguma forma eu também aderi a esse discurso, então eu lembro de ter pensamentos e falas bastante homofóbicas e transfóbicas, dessa dinâmica de me punir”.

As dificuldades dos jovens de lidarem com sua sexualidade não ocorre apenas por elementos da própria subjetividade e das relações estabelecidas no ambiente familiar, mas do modo como o imaginário social acerca da

homossexualidade foi construído, conservado e divulgado nas mais diversas perspectivas da sociedade (Souza, Nascimento, & Scorsolini-Comin, 2020).

No relato do colaborador 3, observou-se que a revelação da orientação sexual pode permitir que ele se sentisse protegido pela família e pelas pessoas que o cercavam, inclusive em sua ideia suicida, servindo de suporte para lidar com a situação que o fez procurar ajuda:

Tinha momento que eu falava “meu Deus, como eu vou resistir a isso, como eu vou sobreviver?”, a palavra era essa mesma porque a morte era frequentemente cogitável. Eu criava planos, mas eu não tinha coragem. Por uma questão familiar, eu acho que se eu vivesse sozinho no mundo, sem dever satisfação para ninguém, eu acho que isso já teria acontecido. Mas eu acho que esse episódio foi afastado diversas vezes por amigos.

Neste tipo de situação, passou a exercer um controle estratégico sobre sua imagem, tentando passar por heterossexual, para evitar que sua identidade real perturbasse suas relações sociais e que seu estigma fosse revelado (Nunan, 2003).

No entanto, a ocultação da orientação sexual pode acarretar sérios problemas de diversas ordens, sociais, comportamentais e psíquicos, o que limita o acesso à busca por apoio social e ocasione uma autoestima baixa (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018).

No Estágio (4) citado acima por Cass (1979), a incongruência e alienação, estiveram presentes na fala do colaborador 3, pois pela não aceitação por parte da comunidade heterossexual, se encaixar tanto no mundo homossexual quanto no heterossexual, modificou inconscientemente a realidade para que esta se adaptasse às suas necessidades. Já na fala do colaborador 4:

Eu tinha um quadro depressivo muito grande e ela perguntou para mim: “então é por isso que você tentava se matar?”, aí eu falei: “é, grande parte das minhas tentativas de suicídio foram isso” e ela olhou e ficou quieta, aí eu perguntei para ela: “por que, mãe? Você não fica aliviada em saber que se era esse o motivo, agora não preciso mais me preocupar ou para você tanto faz? Porque contando para você parece que tanto faz, que você prefere um filho suicida do que um filho homossexual”, ela olhou para mim e falou: “prefiro, prefiro que meu filho cometa suicídio do que seja homossexual”. E aquilo foi um choque muito grande, eu voltei para o quarto, só que o estrago já estava feito.

Quando o problema está na revelação da orientação sexual para a família, notou-se que gerou um desafio para os indivíduos, uma vez que existe o temor de serem rejeitados pelos familiares e pela sociedade (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018).

Para os autores, a família é vista como o maior alicerce para que os sujeitos possam revelar sua orientação sexual perante si mesmo e a sociedade. Em contrapartida, também isso pode deixá-los mais expostos a experiências de preconceitos e homofobia, o que pode impactar problemas de saúde mental e físico.

O relato do colaborador 4 foi ao encontro da literatura sobre o motivo da dificuldade no processo de aceitação dos pais a homossexualidade de seu filho, percebeu-se que a religiosidade e suas crenças permaneceram intimamente relacionadas ao preconceito e a não aceitação da orientação sexual, pois a crença religiosa, em muitos casos, mantiveram seus discursos sobre a homoafetividade, caracterizando-a como uma orientação que foge da normalidade sexual e, além disso, a entende como algo errado perante suas leis, o que inviabiliza, marginaliza e



culpabiliza as pessoas que vivem a diversidade sexual (Zanatta et al., 2018; Aguiar et al., 2021).

Ainda revelou os efeitos negativos decorrentes da rejeição familiar, que impactam na saúde mental de jovens homossexuais. Também fez ver, que o processo de autoaceitação e aceitação dos outros, levou-o a um sofrimento significativo, pensamentos e tentativas de suicídio, permeado pela violência familiar e social provavelmente influenciado pelo padrão homofóbico da sociedade e por crenças e religiosidades, preconceito e violência presentes, principalmente, na fala de sua mãe, quando verbalizou que preferiria que ele “cometesse o suicídio” a aceitar a sua homossexualidade.

Os jovens que decidiram pela “saída do armário”, muitas vezes, apresentaram tristeza e frustração devido ao impacto causado aos familiares, pois muitos não conseguiram tornar o ambiente acolhedor, do modo que foi esperado. Geralmente, exteriorizam agressões, ameaças e demais violências que evidenciam a intolerância, frustração e medo por terem um filho homossexual, sofrimento que deixaram marcas na subjetividade desses jovens (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018).

A rejeição familiar contribui com o desenvolvimento de transtornos mentais como a depressão, tentativas de suicídio, ansiedade ou mesmo o uso de substâncias e de outros comportamentos de risco (Bussolo & Costa, 2022; Defendi & Khouri, 2021).

Nesta categoria destacou-se uma **subcategoria** de significados de recursos associados ao processo de autoaceitação da orientação homoafetiva.

## Subcategoria 2.1 Recursos

Nesta subcategoria os colaboradores relataram recursos de enfrentamento utilizados para o processo de aceitação da sua sexualidade, como teatro, terapia e busca pelos amigos ou pares. As unidades de significados que a compõem emergiram do relato dos colaboradores, a seguir.

### TABELA 4

#### Subcategoria 2.1.1 Teatro

Colaboradores	Relatos
2	“Eu era muito tímido também, muito ansioso, muito fóbico em relação às coisas. Eu decido entrar para o curso de teatro, eu lembro que para eu conseguir eu tive que me embriagar, eu tomei 5 shots de tequila que tinha lá para eu conseguir ir nesse teatro e eu já sabia de alguma forma que nesse espaço era um campo diferente da faculdade, era o teatro, então eu ia ali achar pessoas diferentes. E eu queria isso, ‘não dá mais, eu preciso ver outras pessoas’, porque esses meus amigos não saem de casa, o meu sentimento e tudo que eu estava vivendo não estava dando mais e eu preciso ir. E eu tive sorte de chegar em um grupo de teatro que tinha 10 meninos gays”.
6	“Depois do teatro eu comecei a ter mais contatos, comecei a ficar com outros meninos e as pessoas falavam ‘não, está tudo bem, se é o que você gosta, se você se sente confortável com isso, é isso que importa’, então a opinião das pessoas em relação à ‘o certo é você beijar meninas porque você é um homem’ ou ‘o certo é você namorar alguém para você ter filhos’, e essas coisas, sabe. Então, depois de eu ter contato com essas pessoas, comecei a realmente perceber coisas que eu já tinha desde pequeno e que começaram a fazer muito mais sentido, desde os hábitos que eu tinha; que eu sempre fui muito chegado a não conversar muito de coisas que as pessoas falam ‘é muito másculo’, por exemplo, jogar futebol, luta, ficar jogando muito videogame, coisas que as pessoas associam muito à figura masculina. Eu nunca gostei muito e acho que hoje em dia eu até entendo um pouco porque tinha tudo isso. ‘As meninas que acabam falando de meninos ficam de um lado enquanto os homens vão ficar do outro falando de mulheres’ e coisas desse tipo, sabe. Isso sempre foi uma coisa que me incomodou e com o tempo eu percebi que era normal”.

Além das questões apresentadas acerca da vulnerabilidade individual percebeu-se que neste processo os jovens, também se viram vulneráveis na dimensão social.

Observou-se, a partir da fala do colaborador 2, que apesar dos medos e anseios, aqui ainda remetendo ao Estágio (4) de Cass (1979), aceitação de identidade, ele aumentou o contato com o mundo dos iguais, buscando estratégias para entrar em um grupo e encontrar os seus pares. Nesse sentido, entrar em um grupo de pessoas homossexuais “é também (des)construir uma identidade, aprender novos códigos e novas formas de se olhar e de se posicionar diante do mundo” (Teixeira-Filho, Rondini, & Bessa, 2011, p.20).

O relato do colaborador 6 mostrou como certos comportamentos e atitudes deveriam acontecer: “o certo é você beijar meninas porque você é um homem’ ou ‘o certo é você namorar alguém para você ter filhos”. Nesse sentido, para Foucault (1993) a sexualidade, fica restrita, a um regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. O autor apontou que a cultura dominante faz com que certas expressões de gênero – diferentes da masculinidade hegemônica e da feminilidade idealizada – tornaram-se desviantes.

Isso nos mostrou claramente que essa forma simplista binária ainda prevalece em nossa sociedade ditando regras ou delimitando padrões convencionais de sexualidade, de forma, heteronormativa.

## **TABELA 5**

### Subcategoria 2.1.2 Terapia

Colaboradores	Relatos
---------------	---------

3	“Estava em um processo depressivo muito forte, estava muito mal, isso em 2018, e aí eu entrei em contato com essa pauta em terapia, levei um ano para falar em terapia, me aceitei lá (...) hoje, eu levo para a terapia quem sou, sem essa máscara, um negócio de construção de identidade, ficou bem mais leve, bem mais leve”.
4	“Demorou muito tempo para eu me aceitar, eu fiz terapia quando eu tinha 17 anos, muito forçado, porque meus pais são contra qualquer tipo de terapia, mas exigi com muita força. Foi horrível, mas eu exigi muito. E a psicóloga, não era muito boa, ela praticava muito mais o achismo dela do que a própria ciência da psicologia, então era meio que um bate-papo e eu achava isso muito errado, porque você estuda 5 anos não para dar sua opinião na hora da sessão. E a opinião dela é que eu tinha que experimentar, que não bastava ficar só na masturbação, tinha 17 anos e ela me induziu a procurar pessoas que cobravam por sexo, eu era menor de idade, sem experiência alguma e ela ficava falando que eu tinha que fazer isso. E eu estava muito frágil porque eu estava em um processo de depressão muito forte, até que chegou a um ponto, que eu fui... e eu acabei sendo, nesse meio tempo, acabou acontecendo um abuso sexual por parte de uma pessoa do sexo masculino e eu acabei ficando muito chocado e acabei saindo da clínica dela”.

Quando o assunto foi revelar a homoafetividade percebeu-se o momento marcado por medos, julgamentos, frustrações, um processo doloroso e solitário como revelado pelo colaborador 3 em sua narrativa. Normalmente, o jovem homossexual sofre sozinho o ostracismo associado à sua sexualidade, sem nenhum apoio familiar (Borrillo, 2010).

O apoio proveniente da família foi associado a maiores níveis de resiliência e bem-estar, enquanto aqueles que apresentaram menor nível de apoio foram mais propensos a efeitos negativos a sua saúde mental (Campos & Guerra, 2016).

No relato do colaborador 4, ao falar do seu processo de auto aceitação, revelou a resistência dos pais, diante do fato de não poder contar com a sua família como rede de acolhimento e apoio. E mostrou a dificuldade da profissional (psicóloga) em não conseguir acolhe-lo e auxiliá-lo no processo de autoaceitação,

provavelmente por não ter tido o conhecimento necessário, o que o induziu a buscar uma experiência que gerou maiores sofrimentos, justificada pela necessidade de testar seu desejo e ter certeza de sua orientação sexual levando-o a sofrer um abuso sexual perpetrado por um outro homem. Constatou-se certa naturalização da experiência, mascarando a violência contida na mesma, o colocando em situação de vulnerabilidade e risco, o que o levou ao abandono da terapia (Taquette & Rodrigues, 2015).

Faz parte do sensu comum inferir que práticas sexuais com parceiros do mesmo sexo ou do sexo oposto são definidoras de uma identidade sexual. No entanto, sabe-se que muitas pessoas que mantêm práticas sexuais homoeróticas, não necessariamente se assumem como homossexuais (Teixeira, Marretto, & Mendes, 2012).

Diversos estudos mostraram que, para um jovem revelar suas experiências homoafetivas, é preciso haver um acolhimento por parte do profissional, isso resultaria numa intervenção preventiva e terapêutica maior.

O CFP (1999) em sua resolução estabeleceu normas éticas para atuação de psicólogos em relação à orientação sexual que além de prevenir o preconceito, incentiva estudos, discussões e reflexões sobre promoção de saúde e bem estar. No entanto, profissionais de saúde não deveriam pressupor a prática sexual a partir da identidade sexual, as demandas clínicas sobre a homossexualidade estão mais relacionadas para os efeitos gerados pelo confronto das normas e expectativas sociais sobre os sujeitos do que para a orientação sexual em si (Porchat, 2011).

Poucos estudos foram vistos em como o processo terapêutico auxiliaria no processo de autoidentificação dos jovens e na declaração de sua orientação sexual para os pais e sociedade.

## TABELA 6

### Subcategoria 2.1.3 Amigos/ pares

Colaboradores	Relatos
2	“Mas eu tive sorte de encontrar pessoas que já eram muito resolvidas e que falavam sobre isso de uma forma bem politizada e me acolheram, então dentro dessa festa um desses meninos que eu tinha acabado de conhecer, eu choro para ele contando a minha história, o quanto aquilo estava sendo difícil para mim, que a minha família não sabia, eu tinha muito medo e ele me acolhe. E aí então eu entro nesse grupo e começo a conhecer pessoas iguais, começo a me relacionar com meninos pela primeira vez de uma forma mais aberta e fui começando a me aceitar e a me entender”.
3	“Eu acho que se eu estou vivo hoje é por amigo que sempre esteve presente, mostrando os vínculos e eu lembro que até uma amiga minha falou assim: ‘você precisa se enxergar com os melhores olhos que existem, você sempre pega os piores’, então eu acho que realmente foi muito difícil, mas eu tinha pessoas muito boas perto de mim. O cursinho fez eu ter vínculos incríveis e foi o que me manteve”.
6	“Me sinto muito mais protegido e acolhido do que antes. Acho que, principalmente, por ter pessoas ali fora que estão... ‘se tem algum problema ou vier alguém te importunar, você tem a quem recorrer’, então não é só uma ou duas pessoas, são várias pessoas falando das mesmas coisas, que se acontecer qualquer coisa, independente de quem seja, seja um aluno do seu ano, de um ano mais velho, de outro curso, seja um professor ou um diretor, ‘chegue na gente que a gente te acolhe e a gente consegue resolver esse problema’, sabe. Então aqui eu me sinto muito mais tranquilo, até porque todo mundo aqui é adulto”.

O não apoio familiar fez com que os jovens buscassem por pares e/ou amigos, o qual pareceu ser essencial para o seu bem-estar e ser uma forma de superação do preconceito, além de poderem dividir questões sobre sua orientação sexual, principalmente, se também forem homossexuais, e passarem por situações

similares, o que favoreceu o nível de compreensão sobre os problemas enfrentados (Campos & Guerra, 2016).

No relato do colaborador 2, o encontro com pessoas politizadas e acolhedoras proporcionou o suporte que necessitava para se aceitar e iniciar seus relacionamentos afetivo-sexuais sem culpa, isso corrobora com o estágio (4) do processo de autoidentificação de Cass (1979), no qual ocorreu a busca de iguais. No entanto, o colaborador 6, relatou que seus amigos o ajudaram a superar seus medos e inseguranças, além de promover o acolhimento, orgulho e proteção dele de situações homofóbicas, como citado no estágio (5) de Cass (1979), orgulho de identidade, rejeitaram estratégias para esconder sua orientação sexual e muitas vezes renegaram valores e instituições heterossexuais. Podendo surgir, um estágio de ativismo contra a opressão percebida.

O apoio dos amigos do colaborador 3 o fizeram ter um olhar mais positivo sobre ele mesmo, além de proporcionar apoio e acolhimento. Assim, destacou-se a importância da rede de apoio para esses jovens no processo de declaração da sua sexualidade (Souza, Nascimento, & Scorsolini-Comin, 2020; Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018).

Notou-se que amigos, primos, tios e parentes mais próximos tiveram papel importante no processo de declaração da orientação sexual dos jovens, bem como para o processo de aceitação, o que demonstrou que o apoio constante seria favorável diante da revelação (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2022).

Homossexuais que não tiveram o apoio da família o buscaram em amigos, o que pareceu ser essencial para o bem-estar deles, pois puderam dividir questões sobre sua orientação sexual e terem o apoio necessário, já que a maioria deles também são homossexuais e passaram por situações semelhantes, melhorando

assim, o nível de compreensão sobre os problemas enfrentados (Souza, Nascimento, & Scorsolini-Comin, 2020).

Além disso, o apoio social foi relacionado com a melhoria dos sintomas de ansiedade e depressão. Intervenções para aprimorar esse apoio podem ajudar na saúde mental de homossexuais (Stein et al., 2023).

### **Categoria 3 – Relacionamento afetivo-sexual**

Nessa categoria os colaboradores falaram da vivência de seus relacionamentos afetivo-sexuais.

#### **TABELA 7**

Categoria 3 – Relacionamento afetivo-sexual

Colaboradores	Relatos
1	“Eu penso assim, é que existem pessoas e pessoas, tem gente que sai de um relacionamento e já entra em outro, parece que não sabe viver sem ter alguém. Para mim não, eu acho que se for para ter um relacionamento, tem que realmente fazer sentido, senão eu prefiro não ter. Então quando eu tiver, eu vou lá e apresento, realmente não tem problema, vou levar e falar: “é esse aqui” e acabou”.
2	“Depois que contei para minha família, eu entrei em um relacionamento e eu escolhi também colocar no Facebook, eu já fui direto para o Facebook e coloquei em um relacionamento sério”.
3	“Todo o meu colegial eu fiquei com a mesma menina, que hoje se autoidentifica como lésbica, então eu usava ela, ela me usava e a gente construiu um relacionamento heterossexual em uma escola católica. Então um escondia o outro, era perfeito. No meu terceiro ano de cursinho eu resolvi mudar de curso, assumir a sexualidade, me declarar para esse meu amigo e fazer uma grande reviravolta”.
4	“Que vontade de amar alguém, de me apaixonar por alguém”, mas na realidade eu não sou uma pessoa que se apega muito de uma forma amorosa, sabe? Eu tenho amigos muito fortes, gosto de



	relação de amizade, mas em relação a amor eu nunca fui muito chegado. Esse ano foi o que eu mais me descobri por que acabei morando sozinho, tive várias experiências sexuais que até então eu nunca tinha tido porque a minha única experiência foi aquela que a psicóloga me induziu, mas não foi uma experiência sexual genuína. Mas, o fato de eu chamar alguém, não precisar pagar e a pessoa querer ir na minha casa fazer, foi muito bom para me descobrir”.
5	“Meu namorado, nós nos conhecemos no seminário. A gente começou a namorar lá por um tempo e aí depois a gente sai do seminário, nós dois juntos, nós saímos do seminário e aí a gente assume o nosso relacionamento”.
6	“Quando eu estava na escola e beijava algumas meninas, ou coisas do tipo. Com o tempo, eu criei coragem e fiquei com o primeiro menino, que inclusive é uma história muito louca, mas beijei o primeiro menino e falei "interessante" (...) Lembro que no meio do ano, 2016 eu beijei o primeiro menino no começo de 2016 e fiquei até julho, mais ou menos, sem eu ter contato com nenhum outro menino”.

Os adolescentes na maioria das vezes se declararam heterossexuais, principalmente quando estavam no processo de autoidentificação, mas mantiveram relações afetivas-sexuais às escondidas com outros do mesmo sexo (Teixeira, Marretto, & Mendes, 2012).

O colaborador 3 por um tempo relacionou-se com uma amiga, sendo conveniente para auxiliá-lo no momento de sua vida que necessitava ser aceito e fugir das cobranças sociais em relação a sua homoafetividade e cumprir com um compromisso social imposto.

As dificuldades em se relacionar, apareceu no relato do colaborador 4, pois falou de não conseguir se “apegar” amorosamente. Ele demonstrou vivenciar uma fase mais de experimentação, de atração sexual, relacionada ao desejo, à excitação e ao interesse em práticas sexuais com outra pessoa do que de encontrar alguém em que tenha interesse em manter vínculo e troca de afetos (OMS, 2016).

Somente o colaborador 5 mantinha um relacionamento estável, no qual encontrou um parceiro para ter um vínculo mais duradouro.

A dificuldade dos jovens em conseguirem manter uma relação homoafetiva estável, apareceu em relação a preocupação dos pais, devido as expressões rígidas e estereotipadas do que é a homossexualidade em nossa sociedade, normalmente associada a uma atividade sexual considerada, muitas vezes, descontrolada e desregrada (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2022).

Segundo os autores, quando a família se divide no processo de aceitação da orientação sexual de seus filhos, nem sempre seus parceiros podem frequentar sua casa, isso depende da dinâmica da família, pois cada uma tem um modo de viver, compreender e perceber a vida e suas variações. Outras vezes, eles não são aceitos pela recusa em reconhecer a legitimidade do envolvimento amoroso, pela questão da expressão homoafetiva e isso funcionaria como um elemento adicional de sofrimento, reforçando as repercussões negativas no processo de declaração.

Com base em estudos, autores que, partindo de observações clínicas, de resultados de pesquisa e de experiência pessoal com jovens homossexuais, perceberam que reduções de sintomas depressivos estariam associados ao aumento da auto-estima, diminuição da solidão e com a presença de um parceiro regular (Stein et al., 2023). Outros estudos, também constataram que ter um relacionamento satisfatório forneceu proteção para a saúde mental de homossexuais (Liang & Huang, 2022).

#### **Categoria 4 – Religião**

Nessa categoria os colaboradores relataram como a religião teve influência no seu processo de autoidentificação e na aceitação de seus familiares.

## TABELA 8

### Categoria 4 - Religião

Colaboradores	Relatos
1	“A minha família, uma grande parte dela é evangélica, mas também quando eu era pequeno eu ia na igreja, mas nunca gostei, eu achava aquilo muito estranho, umas coisas erradas, falando umas coisas estranhas, para mim nunca fez muito sentido”.
2	“Minha família nunca foi religiosa, mas eles tinham uma perspectiva de que a homossexualidade era algo errado, então, por exemplo, a minha mãe, eu sempre ouvi ela falando: “eu prefiro que você seja gay do que você seja drogado”, para mim era assim, ela estava colocando uma coisa muito ruim e outra coisa ruim. Eu lembro de ouvir conversas sobre gays terem o demônio no corpo, apesar de os meus pais não terem um viés religioso muito forte”.
3	“Eu não sei se você sabe o que é o Opus Dei, que é uma vertente da igreja católica que não é conservadora, é extremamente a mais conservadora e aí eu entrei para essa parte da igreja, fiquei lá um tempo, fui para esse seminário que foi um caos, isso foi tudo no colegial. não dá para descartar essas vivências da Opus Dei na construção da minha religiosidade, mas desde sempre eu sempre me vi muito sozinho e eu não achava que fazia sentido isso de vida após a morte, de Deus, acho que as coisas são muito mais, preto no branco. O que não me ajuda tanto na ideia de paz ou companhia, ou tem alguém te vigiando, mas sempre fui eu por mim na minha vida, sempre fui muito independente e sempre eu precisei fazer meus corres, nunca senti que teve alguém me olhando, sempre me senti extremamente sozinho. E aí a única experiência de religião que eu tive foi com uma religião que me violentava todos os dias e eu entendo que Deus não é aquela Opus Dei, mas eu também não entendo o que é Deus e para mim é mais confortável eu me entregar a responsabilidade sobre mim, da minha vida, do que a essa fita rebobinada que era o que eu ouvia, então ele já escreveu a fita, rebobina e daí vai”.
4	“Como eu nasci em um lar muito religioso, meus pais seguiam à risca o islamismo, seguem até hoje e na época que eu era criança e eu tive a minha puberdade, eu seguia à risca também, era meio que no automático, meus pais são, então, eu também vou ser. Enquanto todo mundo ao meu redor estava se descobrindo sexualmente, estava naquele processo de masturbação, a primeira relação sexual, eu me mantinha na castidade máxima, eu nunca pensava, eu reprimia até meus pensamentos, nunca cheguei a me masturbar, nunca tive nada de relação sexual. Eu

---

não encostava em pessoas, com medo de..., meus pais sempre falavam: “não encoste nas pessoas porque isso leva ao sexo”, então eu não encostava em ninguém, eu ficava bem reprimido”.
--

---

Embora alguns colaboradores vivenciam sua religiosidade de uma maneira mais tranquila e de forma que seus preceitos não o causassem sofrimento, outros, de religiões mais ortodoxas e conservadoras tiveram dificuldades em falar sobre o que estavam sentindo e vivenciando, além de apresentar dificuldade no processo de aceitação de sua sexualidade dentro da família e da comunidade.

Nessas religiões a comunidade e os frequentadores quase não falam sobre as diferenças sexuais, o que facilitaria a ocorrência de atos homofóbicos e preconceituosos, baseados em seus preceitos. Tanto que no Brasil, o índice de violência aos homossexuais continua acontecendo em larga quantidade e muitos deles, justificados por razões religiosas. Ao contrário, religiões mais inclusivas, conseguiram debater com mais naturalidade o assunto e acolher os indivíduos e familiares (Gomes & Souza, 2021).

Altos níveis de religiosidade estariam associados a um processo de auto-identificação mais tardio. Além de servir como um fator de risco, e não de proteção, entre os jovens homossexuais. Grupos de apoio religioso com temática voltada a esse público poderia auxiliar num debate melhor sobre o assunto e tentar reconciliar as crenças religiosas com suas identidades sexuais, além de melhorar a sensação de solidão que os jovens vivenciam no processo de auto-identificação (Corbin, Ong, Champion, & Fromme, 2020).

Os dogmas religiosos, não necessariamente associados à religiosidade, foram um dos fatores complexos na compreensão do apoio social aos homossexuais e no bem-estar deles. Apesar da religiosidade estar associada

positivamente com o bem-estar e a saúde mental, no caso da homossexualidade a religião mostrou ser um fator responsável pela falta de apoio social e familiar (Campos & Guerra, 2016).

Os relatos dos colaboradores 1 e 2 demonstraram que sua religiosidade não prejudicou o processo de autoidentificação e declaração de sua orientação sexual. No entanto, para os colaboradores 3 e 4 a religiosidade trouxe sofrimento, dúvidas, angústias e autopunição, não ocupando seu lugar de proteção e acolhimento como acontece, naturalmente, com os jovens heterossexuais.

No caso do colaborador 4, as crenças e religiosidade presente em seu lar, o fez vivenciar um processo de autoidentificação mais tardiamente, tendo uma vivência negativa de seus familiares, permeada pelo preconceito, violências e pelas interpretações e preceitos oriundos da religião seguidas pela família. Isso o fez voltar atrás em sua declaração para a segurança dele e de seus familiares, fazendo-o retornar à vivência de uma “vida dupla” (Corbin, Ong, Champion, & Fromme, 2020).

“É triste saber que eu não vou poder ser 100% eu mesmo, em nenhum momento da minha vida. Porque ou eu sou eu mesmo, ou, eu fico com a minha família. Para eu ser eu mesmo, eu preciso negar a minha família inteira...”

### **Categoria 5 – “Vida dupla”**

Nessa categoria os colaboradores relataram suas vivências em duas realidades diferentes. Compreendeu-se que com os amigos puderam ser eles mesmos e com seus familiares precisaram “se encobrir” e tomar cuidado para se expressar e se relacionar, sair ou ficar no armário.

## TABELA 9

### Categoria 5 – “Vida dupla”

Colaboradores	Relatos
2	<p>“Acho que no colegial eu já entendia que eu era gay, mas eu escolhi nessa época... fim de adolescência, uma imaturidade bem relevante, que eu viveria uma vida adulta no armário, então que eu casaria com uma mulher e eu nunca contaria isso para ela, ninguém nunca ia ficar sabendo e eu ia viver como uma pessoa escondida para sempre e se eventualmente eu precisasse me relacionar com alguém, eu faria isso totalmente escondido ou pagando... Saio do armário ali para os meus colegas. Eu fiquei um período de tempo assumido, era muito novo e tal, e chegava na minha casa e voltava para o armário (...) um período que a minha família começa a se preocupar, principalmente a minha irmã, porque eu entro em uma forma de comportar muito fechada, para evitar que eles percebem qualquer coisa, que agora eu tinha uma vida dupla. E eles começam a se preocupar muito e dar sinais dessa preocupação”.</p>
3	<p>“Meu Deus do céu como eu fiquei mais leve, muito mais leve. Eu acho que a leveza vem do fim da necessidade de levantar dois papéis, sabe? Era uma vida dupla e isso é o pior, uma vida dupla ao ponto de você ler o contexto e a partir daí medir palavra, olhar, movimento corporal, expressão, fala e as mentiras têm que se manter em pé, é uma sequência de mentiras. Então acho que a leveza vem disso, de poder viver uma vida única em todos os lugares, ainda que cada um deles tenha a sua especificidade, não precisar mais segurar a máscara, com certeza essa máscara era muito pesada (...) eu criei uma armadura, um personagem. E é o que eu te falei, o peso de carregar essa mentira é muito alto, teve uma hora que eu não aguentei mais”.</p>
4	<p>“É triste saber que eu não vou poder ser 100% eu mesmo, em nenhum momento da minha vida. Porque ou eu sou eu mesmo, ou, eu fico com a minha família. Para eu ser eu mesmo, eu preciso negar a minha família inteira e eu tenho que ter noção que eu nunca vou ter contato com eles, então é complicado. Meus pais estão vindo aqui quinta-feira e aí é um momento muito tenso porque eu tenho que revisar a casa toda para ver se não tem um detalhezinho que vai me expor, fotos eu não posto. Ah, pessoal eu não posto essa foto. Eu sempre andando com um pé atrás são dias que eu tenho que negar a minha liberdade. Mas é jogar na balança, a minha liberdade em prol da minha saúde mental”.</p>
6	<p>“Sempre fui muito fechado com todo mundo na minha casa por medo de ‘eu realmente beijei o menino ali’, e ela vai contar para ele, ele vai me bater e eu vou ser expulso de casa. Então eu me</p>

---

fechei por muito tempo”.
--------------------------

---

Normalmente, a interrupção de apoio psicológico, financeiro e/ou institucional, além da possibilidade de ser estigmatizado pela sociedade, dentre outros foram os fatores principais para que os jovens mantivessem uma “vida dupla”, ou seja, optarem por encobrir sua condição, se privando de expressar sua própria subjetividade e a vivência da sua sexualidade, sem a necessidade de reprimirem o que e como se sentem (Souza, Nascimento, & Scorsolini-Comin, 2020).

O relato do colaborador 2 mostrou como a utilização da estratégia de manter uma “vida dupla” o auxiliou em seu processo de auto-identificação, mas o fez perceber que esse tipo de encobrimento não o daria a liberdade de viver de forma plena.

Através do relato do colaborador 3, que ficou nessa condição por um tempo, mostrou como a dificuldade e o peso de viver dessa forma foi difícil e sofrido, até o momento que não conseguiu mais suportar e carregar esse encobrimento.

Essa estratégia, no caso do 4, provavelmente vai ter que ser permanente para que ele possa continuar presente na vida da sua família, como no relato: “É triste saber que eu não vou poder ser 100% eu mesmo, em nenhum momento da minha vida. Porque ou eu sou eu mesmo, ou, eu fico com a minha família”.

Entretanto, o colaborador 6, precisou manter sua “vida dupla” até a separação de seus pais, por ter medo da violência física e psicológica sofrido pelo pai e com medo também de sua mãe sofrer tais violências.

“Sair ou ficar no armário” mostrou-se ser um processo difícil, os quais os jovens não tem uma rede de apoio para auxiliarem nesse processo de reconhecimento, além de terem medos e angústias de como essa declaração será

recebida, nem sempre acontece em um momento determinado e por vontade própria, mas sim por uma cobrança da sociedade (Costa, Machado, & Wagner, 2015; Defendi & Khouri, 2021).

### **Categoria 6 – Declaração à família**

Nessa categoria os colaboradores relataram como ocorreu a declaração de sua orientação afetivo-sexual aos seus familiares.

#### **TABELA 10**

Categoria 6 - Declaração à família

Colaboradores	Relatos
1	“Para minha família eu nunca cheguei e falei abertamente, nas entrelinhas, que também foi em torno de uns 16, 17 anos (...). Desde então (pais separados), não é um assunto que a gente conversa diariamente, nem sempre, nem com frequência”.
2	“Chamo a minha mãe em um lugar afastado, tremia muito, muito, muito, nessa época eu já estava tendo um relacionamento afetivo lá com um menino (novo) e aí eu não lembro exatamente o que eu falei, de tanta reação emocional que eu estava, eu só lembro que eu tremia muito e aí eu contei para ela. A minha mãe é uma pessoa que não expressa muita emoção, já é o perfil dela, então ela teve uma reação muito racional, tipo “ok, você está me contando isso, está ok, está tudo bem”, eu não lembro exatamente como é que foi, mas não teve um acolhimento afetivo, foi só um: “beleza, você está me dizendo, ok”. E aí então eu queria contar para o meu pai, eu contei para ela, afastado e nesse momento ela me fala... isso era à tarde, ‘hoje cedo, eu saí com o seu pai, para comprar não sei o que, e pela primeira vez a gente desconfiou de você, foi hoje cedo e eu perguntei para ele: bem, se ele fosse gay, você aceitaria? e aí ele responde para ela que sim, que ele me amaria do mesmo jeito. E ela me conta e isso me dá segurança (...) chamei meu pai e contei para ele, falei também. E aí meu pai tem uma postura afetiva muito relevante, meu pai me acolhe, me abraça e diz que vai continuar me amando do mesmo jeito e foi assim, então eu tive muita sorte. Então o sentimento da minha família foi de aceitação geral, mas de uma preocupação enorme em relação à minha segurança, porque eu estava morando em



3	<p>outra cidade, eu sempre tive uma aparência de ser mais novo do que eu sou”.</p> <p>“Eu contei para os meus pais no dia 08 de março desse ano. E aí é o que eu te falei: eu não tinha nada a perder. Assim, eu tinha muito a perder, lógico, mas sabe aquela sensação de que já está tão mal, vamos lá contar e ver o que vira? E aí eu contei para eles em um jantar à noite e, considerando o histórico da minha família de muita homofobia, eu acho que foi totalmente surpreendente, eu acho que era da boca para fora até ter dentro de casa, sabe aquela coisa? Quando eu contei foi muito tranquilo, eles super aceitaram, hoje isso nem é uma pauta mais. Lógico que eu trago para discussão para a família sempre que eu posso, porque é uma coisa central em mim, mas a minha relação com a minha família melhorou demais, demais” (...). Meu pai perdeu um amigo com suicídio e aí ele veio falar comigo nessa questão de “a gente tem que ser feliz mesmo”. Eu acho que quando ele veio falar comigo, ele sabia já, sabe? Aconteceu isso com o amigo dele que foi a gota d'água e aí ele veio falar comigo no sentido de: “você precisa ser feliz, eu não sei o que está acontecendo com você, mas alguma coisa está acontecendo, não estou pedindo para você falar, mas faça o que você tem que fazer”. Depois disso demorou ainda uns 3 meses para eu falar para eles, mas foi o empurrão que eu precisava”.</p>
4	<p>“Foi horrível tentar me assumir para ele, foi com 19 anos, foi a pior decisão que eu tomei na minha vida. Quando eu tentei contar, eu já estava fragilizado, eu sabia que eu queria contar, mas eu estava conversando com eles sobre N situações e aí chegou em um momento que eu estava tão emotivo na hora que eu resolvi contar. Quando eu contei ficou um silêncio muito forte, eu contei primeiro para a minha mãe e ela olhou com uma cara de muito nojo (...) não tinha como voltar atrás. Minha mãe implorou para eu não contar para o meu pai e eu contei para o meu pai, só que eu contei para o meu pai no dia seguinte, saindo de casa, então eu estava indo fazer uma coisa, eu contei por que ele vai absorver a bomba por umas horinhas e quando eu voltar vai estar melhor. Erro meu, eu contei, fui embora, ele mandou mensagem falando que... foi um pouco melhor do que eu esperava, ele falou que era para eu voltar para casa para a gente conversar, eu falei: “está bom, você está com raiva de mim?”, aí ele falou: “jamais”, “você entende que eu sou assim?”, aí ele falou: “entendo”, “você me aceita?”, ele falou assim: “aceito” e eu fiquei até duvidando se eu estava em uma realidade, eu comecei a me beliscar, falando: “o que está acontecendo?”, porque meu pai é mil vezes mais conservador que a minha mãe. E aí ele só mandou a mensagem e falou assim: “eu não posso controlar a sua vida, você é o que você quer, só que você contando isso eu percebi que eu falhei muito como pai e não existe angústia maior do que eu estou sentido do que saber que você é assim, mas eu posso mudar o que você é”, era melhor ele ter me xingado de viado ter me mandado embora</p>

	<p>de casa, porque meu pai quando quer machucar alguém, ele sabe machucar muito bem, então ele pegou bem no ponto, na ferida. Quando eu voltei para casa eu tive a pior conversa do mundo porque meu pai me expôs várias questões que eu não tinha pensado, ele falou assim, que se eu me assumisse homossexual, ele entende que o pessoal do Brasil entenderia, mas se isso chegasse na minha família do Líbano eu nunca mais poderia voltar porque se eu voltasse lá eles iam me assassinar, ele falou: “você não volta para cá, eles vão te enfiar a faca, seus primos vão te matar”, e eu fiquei muito em choque, pensando o quanto aquilo tinha acabado comigo”.</p>
5	<p>“Contar para meus pais na verdade foi um pouco difícil, eu contei para minha mãe, com quem eu acho que tinha mais abertura, meus pais são separados, eles eram divorciados. Para meu pai eu fui contar depois de muito tempo. Eu contei para a minha mãe quando eu tinha 16 anos, agora para o meu pai eu fui contar quando eu já tinha os meus 23 anos, ele já sabia porque minha mãe tinha contado, só que eu nunca tinha falado para ele, tinha medo de dizer para ele. Mas ele nunca teve nenhum episódio de ter sido preconceituoso comigo, talvez mais pela minha ignorância em alguns momentos, de não saber como se portar diante dessa questão, mas de me afastar ou de me ver como um erro, alguma coisa, acho que nunca aconteceu. Mas toda a minha família sempre me deu muito apoio, meus avós, minha irmã, os tios, todos”.</p>
6	<p>“O casamento deles era um casamento muito violento, tanto que desde quando eu era pequeno, até sei lá, os meus 15 anos eu acho, eles viveram juntos e minha mãe sofria violência doméstica, a gente apanhava em casa, coisas do tipo. Depois eles finalmente se separaram, porque teve uma discussão horrível de ameaça com faca e enforcamento, coisas desse tipo. Então foi o momento em que eu comecei a conversar muito mais com a minha mãe. Foi quando ela começou a falar que, desde pequeno, ela sabia que eu tinha uma coisa diferente e que, conforme eu fui crescendo, entrando no teatro, querendo algumas coisas e opções de curso de faculdade, ela foi percebendo que eu era diferente dos meus irmãos e muito mais parecido com o meu tio, que também é gay. Qualquer coisa que tinha no meio do caminho, ela sempre se colocava na frente e falava “não, é o meu filho, independente do que ele for, ele vai estar aqui comigo, eu vou estar protegendo ele. Só quero que ele seja feliz”. E a partir do momento em que eu comecei a perceber isso, de que ela realmente estava ali, que ela sabia, eu acredito que ela sabia primeiro do que eu, a partir do momento em que ela falou “estou aqui independente do que você seja”, eu acho que foi abrindo muitas portas e foi quando eu comecei a conversar com ela sobre “já tive experiências com meninos”, inclusive o primeiro menino que eu beijei ela conhecia, então eu fui me abrindo um pouco mais. E hoje em dia, pelo menos com a minha mãe, principalmente, é uma relação incrível,</p>

---

ela é realmente a minha melhor amiga. “Com a minha irmã também, que a gente conversa muito sobre isso”.
---

---

Os relatos dos colaboradores sobre as reações de seus pais no momento da declaração de sua orientação sexual, mostraram congruência com a literatura, que relatou uma variação entre suspeita ou certeza a surpresa, de acordo se eles tinham algum conhecimento prévio dessa orientação ou informações sobre diversidade sexual e de gênero (Delabella & Gaspodini, 2021).

Crisler (2017) apresentou um modelo teórico de múltiplos componentes de respostas de pais que receberam a declaração de sexualidade de seus filhos. O modelo vê a “saída do armário” como um processo multidimensional.

Consistem: (a) grau em que os pais tinham de noção prévia sobre a orientação sexual de seus filhos; (b) algum momento foi confirmado ou revelado aos pais a orientação sexual dos filhos; (c) a divulgação foi acompanhada por avaliação parental, nas quais os pais atribuíram significado a esta nova informação e transmitiram se ela entrar em conflito ou ressoar com as suas crenças e valores; (d) a avaliação foi influenciada pela habilidade dos pais em identificar estratégias de enfrentamento; (e) a avaliação foi frequentemente seguida ou coincidiu com uma resposta que incluiu uma avaliação; (f) muitos pais, quando obtiveram a confirmação da orientação sexual de seus filhos, aplicaram estratégias de enfrentamento (por exemplo, evitativo e de abordagem). Além disso, (g) todos os componentes foram influenciados por fatores contextuais, incluindo pais e relacionamentos familiares, bem como crenças e valores culturais ou sociais.

A resposta dos pais na maioria das vezes variou de ausente, negativa, mista ou positiva, acompanhada de respostas silenciosas, invalidantes, ambivalentes e validadoras (van Bergen, Wilson, Russel, Gordon, & Rothblum, 2021).

Segundo estudos, as repercussões nem sempre são acolhedoras no início. Em alguns casos, houve um choque inicial, que fez com que pais e mães negassem a realidade, proporcionando ao jovem um período de intensa luta interna, que gerou sentimentos de negação, culpabilização, medo, revolta, vergonha e que, depois de um tempo e em famílias que foram abertas à realidade, esses sentimentos acabaram sendo abandonados e novos de pertencimento e de aceitação surgiram (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018).

Em relação ao apoio que os pais recorreram, as mães buscaram apoio em pessoas da família, com destaque para o papel das avós. Os pais se remeteram aos membros da rede familiar primária, com dificuldades de expor a situação para pessoas de fora desse círculo (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2022).

Os irmãos e irmãs, segundo a literatura, auxiliaram no processo de declaração, com apoio e dedicação, mesmo havendo um impacto inicial, em alguns casos, mantiveram-se disponíveis para ajudar o irmão a lidar com as consequências da declaração, não apenas com os familiares, mas com a sociedade em geral (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2022).

Demonstraram, em sua totalidade, preocupação relacionada ao preconceito em casa e fora dela, com receio de que o irmão passasse por situações de violência verbal, emocional e física. Eles constituíram uma importante rede para os homossexuais que se assumiram, compondo uma fonte de apoio e acolhimento que pode ser decorrente do fato de que possuíam idades semelhantes ou que ocupariam a mesma posição na hierarquia familiar, ampliando a sensação de empatia pelo outro e pareceu contribuir para que os genitores compreendessem melhor o processo (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2022). Como no caso do colaborador 6, que relata que a irmã desempenhou esse papel, diferente de seu

irmão. Assim como o colaborador 5 revela que também obteve apoio da irmã no processo.

A família, após ter conhecimento sobre a homossexualidade de seu filho, teve receio de mudanças de comportamentos, seja em termos de estereótipos de gênero ou de práticas sociais, além da dificuldade em enfrentar sua rotina. Esse receio fez, primeiramente, terem um sentimento de tristeza e frustração com relação aos planos feitos para seus filhos, além da possibilidade da associação a um sentimento de culpa (Campos & Guerra, 2016).

A “aceitação” pareceu ser um evento multifacetado e que comportou diferentes expressões de cada família. Normalmente, se deu de modo completo, gradual ou conturbada (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2022; Delabella & Gaspodini, 2021).

A aceitação conturbada dependeu de fatores tais como a culpa pela orientação sexual do filho, a esperança de que o filho mudasse sua orientação sexual e a falta de informação. O tempo pareceu como variável importante para o resgate dos laços ou para a reflexão sobre as reações do momento inicial da revelação dos filhos (Delabella & Gaspodini, 2021).

Nos dois tipos de aceitação, gradual ou conturbada, foram comuns sentimentos de medo de que o filho sofresse preconceito e/ou violência, as expectativas criadas em relação a eles e a necessidade de apoiar e proteger (Delabella & Gaspodini, 2021).

Em contrapartida, para os filhos, a revelação de sua orientação sexual trouxe uma sensação de alívio e liberdade por não precisar mentir ou ocultar sua identidade para seus familiares, promovendo saúde, além de poderem expressar mais livremente, sua sexualidade e seus relacionamentos, a ocultação trouxe

sofrimento significativo diminuindo as chances de bem estar e felicidade no decorrer da vida (Zanatta et al., 2018; Toledo & Filho, 2013; Souza, Nascimento, & Scorsolini-Comin, 2020).

É apontado na literatura a importância do apoio familiar mediante o processo de declaração da sexualidade, devido ser um fator de proteção e preditor de resultados positivos à vida do jovem, como aumento da autoestima e fortalecimento do vínculo familiar (Bussolo & Costa, 2022; Delabella & Gaspodini, 2021).

O desenvolvimento do apoio social familiar se apresenta como um dos construtos mais importantes para o bem-estar do homossexual. Os jovens que tiveram o apoio apresentaram maior número de conteúdos positivos relacionados ao bem-estar, convivência familiar e social e religiosidade. Os que não, apresentaram maior quantidade de conteúdos negativos, além de expressarem insatisfação com a vida pessoal (Campos & Guerra, 2016).

Sendo assim, o apoio social familiar foi considerado um fator de proteção ao bem-estar e de importância para os jovens, por conseguirem se expressar da forma que desejam. Quanto ao não apoio familiar, relataram sentir dificuldades em se relacionar socialmente, causando um retraimento por medo da não aceitação e do preconceito que poderão vir a sofrer, o que pôde influenciar seus contatos pessoais (Campos & Guerra, 2016).

A intolerância também apareceu de diferentes formas, como o rompimento de vínculos, a recusa em oferecer apoio e até mesmo a violência, como relatado pelos colaboradores 4 e 6 (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2022; Delabella & Gaspodini, 2021).

Nesta categoria, uma **subcategoria** em relação a reações homofóbicas dos familiares foi apreendida.

**TABELA 11**

## Subcategoria 6.1 - Reações homofóbicas dos familiares

Colaboradores	Relatos
4	<p>“Fui sair com o meu pai para comprar umas plantas, eu não tinha pensado antes, eu só falei: “eu não aguento mais”, olhei para ele e falei: “pai, o vestibular está me deixando muito estressado e às vezes eu não sei o que está acontecendo”, eu joguei a culpa no remédio, eu estava tomando antidepressivo, eu falei: “o remédio me muda, o remédio me deixa meio doidinho, eu não sei porque eu fiz aquilo ontem, eu jamais gostaria de homem, é nojento isso” porque meu pai chegou gritando no dia anterior, falando: “como você sente atração? É homem com homem, é barba com barba, é um ânus e um pênis, como isso funciona?”, na minha cabeça eu só ia gritar: “você gosta de vagina, nada é tão diferente”, só que eu deixei quieto. E aí eu falei para ele: “você tinha razão, nojento mesmo”, aí ele falou: “então conta isso para a sua mãe”, eu já senti que ele melhorou no tom de voz, ele queria até chorar de emoção. Quando eu cheguei em casa minha mãe estava lavando louça, ela estava lavando um prato e eu nem terminei de contar, eu só cheguei assim e falei: “mãe, eu estava um pouco confu...”, ela largou o prato no chão, quebrou e foi correndo para me abraçar. Eu nem terminei de falar, eu poderia ter falado, sei lá: “estou com fome”, mas eu sou falei confu... e ela já imaginou que seria que eu estava confuso e acabou. E aí minha mãe falou para mim, a questão do suicídio aquela hora, que foi uma coisa que me machucou, meu pai falou da questão que ele se sente enojado em relação a mim, mas a pior frase, o pior momento que eu ouvi de toda essa história de me autoafirmar para eles, foi quando minha mãe estava me abraçando e falou: “filho, a gente vai fazer o que você quiser, é só você pedir. Você quer namorar? Você pode namorar com qualquer menina”, essa frase acabou comigo porque eu amo os meus pais, só que o que me permite amar os meus pais é o fato de eu sempre falar para mim mesmo: eles foram criados de acordo com uma religião, eles são frutos de um meio, são frutos de uma época, então eu não posso culpar muito eles. Só que o islamismo proíbe muito o contato sexual com mulheres também, o homem com a mulher e o namoro é estritamente pecado, é um pecado muito forte e eu sempre culpei o fato da minha mãe ter uma religião, então naquele momento eu pensei assim: “ela negou a religião para eu ser hétero, então o problema não está na religião, ela só não aceitou que eu sou homossexual porque ela é homofóbica”. Foi aquele momento que eu não consegui mais culpar a religião e aí eu comecei a culpar os meus pais e a gente só se distanciou desde aquele dia. Eles sabem que eu sou homossexual? Sabem, porque meus pais não são burros. A questão é que a gente vive em uma negação muito forte”.</p>

6	<p>“Não refiro a ele como meu pai porque é uma figura que eu excluí da minha vida por uma série de motivos e o principal deles é por toda a rejeição que, desde pequeno, ele sempre teve comigo. A minha mãe conta, inclusive, que quando ela estava grávida de mim, ele falava que "se esse menino for viado, ele vai apanhar pra caramba e eu vou botar ele pra fora de casa" e coisas desse tipo, sabe”.</p>
---	---

Reações negativas da família, diante do processo da declaração da orientação sexual de seus filhos se mostraram comuns, com emoções do tipo: vergonha, raiva, tristeza e medo, inclusive podendo ocorrer violência psicológica ou até mesmo física (Souza, Nascimento, & Scorsolini-Comin, 2020; Barros & Coelho, 2021).

O relato dos colaboradores 4 e 6 veio de encontro com os estudos, quando eles perceberam o medo de causar reações negativas nos pais ao realizarem a declaração e conseqüentemente sofreram prejuízos em sua vida, isso os levaram a esconder sua orientação sexual (Souza, Nascimento, & Scorsolini-Comin, 2020).

Tanto que o colaborador 4 precisou voltar a ter uma “vida dupla”, escondendo sua orientação para manter seu relacionamento com seus pais e a integridade da família. O assunto virou um segredo de família, onde todos sabem, mas nada é dito, é velado. No momento, privou-se de expressar sua subjetividade e a vivência de sua sexualidade, tendo que reprimir o que sente.

A existência de segredos na família tensionou as relações, engessou a liberdade e criou limitações para que o segredo fosse mantido, provocando distanciamento entre seus membros e a perpetuação de impedimento em relação à sexualidade (Souza, Nascimento, & Scorsolini-Comin, 2020).

A homofobia intrafamiliar nem sempre foi relatada, notou-se uma dificuldade em assumir o preconceito em casa, sendo este velado com frequência, somente nos



casos de violência física, eles foram expostos (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2022).

No caso do colaborador 6, que vivia em um ambiente violento, no qual ele e a mãe sofriam violência física com frequência por parte do pai, mesmo sem ter o conhecimento de sua verdadeira orientação sexual, essa vivência o fez manter-se calado e afastado do pai até a separação. A convivência com o pai virou sinônimo de brigas e discussões e o afastamento acabou sendo uma forma de proteção e de bem-estar, física e psíquica (Souza, Nascimento, & Scorsolini-Comin, 2020).

O distanciamento paterno, normalmente, acontece anterior à percepção do jovem sobre sua própria sexualidade e a partir daí a revelação da homossexualidade é vista como irrelevante, uma vez que não fazia parte da rotina. Percebeu-se que quanto menor a afetividade, menor o nível de apoio. Estes parâmetros de distanciamento da família e falta de afetividade, característicos de situações, onde não há o apoio social familiar, influenciaram diretamente a insatisfação dos jovens homossexuais com suas vidas pessoais e sociais (Campos & Guerra, 2016).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente estudo buscou compreender a vivência da homossexualidade nas relações familiares e sofrimento psíquico de jovens universitários. Os relatos analisados e interpretados foram baseados nas trajetórias de vida de jovens universitários que se autoidentificaram como homossexuais de uma instituição ensino superior pública do interior de São Paulo.

O objetivo desse estudo foi atingido no que tange compreender o processo de autoidentificação da homossexualidade de jovens universitários e como ocorreu a declaração de sua orientação sexual aos seus familiares.

Devido à visão negativa e deturpada ainda presente na sociedade acerca da homossexualidade, muitos destes jovens decidiram ocultar sua orientação sexual dos demais, vivendo uma “vida dupla”, visto o temor de serem vítimas de discriminações e atos de violências por não se encaixarem, no padrão heteronormativo concebido pela nossa sociedade.

Assim, o momento da declaração de sua orientação sexual foi rodeado por sentimentos de dúvidas, medos e receios, principalmente quando os jovens decidiram assumir-se a seus familiares, uma vez que o ambiente familiar foi entendido como um local de acolhimento, amor, carinho e respeito – algo que, infelizmente, não se fez presente na vida de alguns desses jovens após sua declaração.

Nos relatos dos colaboradores desta pesquisa, destacaram-se os efeitos negativos decorrentes da rejeição familiar que acabaram por impactar significativamente a saúde mental destes jovens à longo prazo, seja por meio do desenvolvimento de transtornos psicológicos como a depressão e de outros comportamentos, considerados de risco.

Ressalta-se, então, a importância do apoio familiar mediante o processo de “saída do armário” uma vez que o mesmo foi considerado como um fator de proteção e preditor de resultados positivos à vida dos jovens, promovendo aumento da autoestima e do fortalecimento do vínculo familiar.

Entre os colaboradores, destaca-se o relato do colaborador 4 devido a dificuldade e sofrimento, tanto dele, como de seus familiares em aceitar e acolher

sua orientação afetivo-sexual. Passou por essa vivência de forma solitária, permeado por momentos de tristeza e sofrimento, mesmo buscando apoio através do processo terapêutico, não obteve o suporte e acolhimento devido e necessário. Além de sua mãe, que passou por um processo de negação e culpabilização, baseados em sua religiosidade, tudo isso deixou marcas significativas nessa relação.

Futuras pesquisas para o avanço da compreensão do apoio social de outros recursos como terapia, amigos, outros familiares (avós, tios, primos, dentre outros), grupos de apoio e culturais (teatro, dança, etc) podem auxiliar o processo de auto-identificação e declaração aos familiares, tornando esse processo menos traumático e solidário, mas sim, uma jornada com maior acolhimento.

Além disso, intervenções que promovam a aceitação dos familiares quanto à não heteronormatividade. Maiores estudos relacionados às questões de gênero e a visão dos familiares em relação a declaração da orientação afetivo-sexual de seus filhos, que precisa ser mais explorado por meio de novas pesquisas, a fim de abranger outros pontos que possam colaborar para o melhor entendimento e compreensão da temática.

Por fim, salienta-se a importância da Psicologia, principalmente promovendo suporte ao processo de aceitação familiar, atuando nas dúvidas e temores dos familiares acerca da homossexualidade de seus filhos, bem como acolhimento para aquele que sofreu rejeição da família. Além da necessidade de constantes atualizações sobre o assunto, no intuito de contribuir socialmente para uma visão cada vez menos baseada em estereótipos e pré-conceitos da homossexualidade, bem como para o aperfeiçoamento do manejo terapêutico no atendimento a esta população e seus familiares.

## REFERÊNCIAS

- Aguiar, D. M., Silva, A. L., Sperling, S, Zacharias, R. Guimarães, F. A. S., Warwick, I., Barbosa, F. C., Cukierman, R. & Lam, U. (2021). Religiões e suas interfaces com a diversidade sexual e de gênero. In Ciasca, S. V.; Hecowitz, A. & Junior, A. L. Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar. 1ª. ed. Santana de Parnaíba: Manole.
- Amatuzzi, M. M. (2009). Pesquisa fenomenológica: uma aproximação teórico humanista. Estudos de Psicologia (Campinas), vol.26 no.1, Campinas, jan.mar.
- Amatuzzi, M. M. (2011). Pesquisa fenomenológica em Psicologia. In M. A. Toledo Bruns & A. F. Holanda (Orgs.), Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas (pp.17-16). Campinas: Alínea.
- Andrêo, C., Peres, W. S., Tokuta, A. M. P. & Souza, L. L. (2016). Homofobia na construção das masculinidades hegemônicas: queerizando as hierarquias entre gêneros. Estudo, pesquisa e psicologia, vol 16, n 1 (pp 46-67).
- Barros, J. H. O. & Coelho, G. G. (2021). Sobre(vivências) homossexuais e o embate familiar. Revista Farol: Rolim Moura – RO, v 12, n 12, abril.
- Biernacki, P. & Waldorf, D. Snowball Sampling (1981). Problems and techniques of Chain Referral Sampling. Sociological Methods & Research, vol. nº 2, November. 141-163p.
- Borrillo, D. (2010). Homofobia: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Brasil, Ministério da Saúde (2011). Adolescentes e jovens para a educação entre pares: sexualidades e saúde reprodutiva. Brasília, DF: Ed. Ministério da Saúde. (Saúde e prevenção nas escolas, v. 1; Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002217/221728por.pdf>. Acesso em: 10 ago.2022.
- Bruns, M. A. T. (2011). A redução fenomenológica em Hursel e a possibilidade de superar os impasses da dicotomia subjetividade - objetividade. In M. A. T.

- Bruns & A. Holanda (Eds.), *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas* (pp. 65-75). São Paulo: Alínea.
- Bussolo, D.R. & Costa, Z.L.S. (2022). O Coming out de homossexuais e seus efeitos na família: revisão narrativa de literatura. *Perspectiva: Ciência e Saúde*, Osório, V.7 (1) 210 - 226, julho.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Campos, L.S. & Guerra, V. M. (2016). O ajustamento familiar: associações entre apoio social familiar e o bem-estar de homossexuais. *Psic.Rev. São Paulo*, volume 25, n.1, 33-57.
- Cass V. C. (1979). Homosexual identity formation: a theoretical model. *Journal of homosexuality*, 4(3), 219–235.
- Chrisler, A.J. (2017). Compreendendo as reações dos pais ao se assumirem como lésbicas, gays ou bissexuais: uma estrutura teórica. *Journal of Family Theory & Review*, 9 (2), 165–181. 10.1111/jftr.12194.
- Ciasca, S. V., Hecowitz, A. & Lopes Junior, A. (2021). *Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar*. 1ª. ed. Santana de Parnaíba: Manole.
- Ciasca, S. V. & Pouget, F. (2021). Aspectos históricos da sexualidade humana e desafios para a despatologização. In Ciasca, S. V.; Hecowitz, A. & Junior, A. L. *Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar*. 1ª. ed. Santana de Parnaíba: Manole.
- Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor – Corsa. (2003). *Educando para a diversidade os GLBTs na escola: orientações para educadores e pais*. Secretaria especial dos direitos humanos.
- Conselho Federal de Psicologia (1999). Resolução no. 01/1999 de 22 de março de 1999. disponível em: [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolicao1999\\_1.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolicao1999_1.pdf).
- Corbin, W. R., Ong, T. Q., Champion, C., & Fromme, K. (2020). Relations among religiosity, age of self-identification as gay, lesbian, or bisexual, and alcohol use among college students. *Psychology of addictive behaviors: journal of the Society of Psychologists in Addictive Behaviors*, 34(4), 512–520.

- Costa, R. P. (2005). Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana. 4ª. ed. revisada e ampliada, São Paulo: Kondo editora.
- Costa, C. B., Machado, M. R. & Wagner, M. F. (2015). Percepções do homossexual masculino: sociedade, família e amizades. Temas de psicologia, Ribeirão Preto, vol. 23, n 3, setembro.
- Delabella, M.C. & Gaspodini, I. B. (2021). Experiências de pais e mães na revelação da orientação não heterossexual de filhos/as. Interação em Psicologia, vol 25, n 01.
- Defendi, E. L. & Khouri, J. K. A “Saída do armário”. In: Ciasca, S. V.; Hecowitz, A. & Junior, A. L. (2021). Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar. 1ª. ed. Santana de Parnaíba: Manole.
- Diehl, A. & Vieira, D. L. (2017). Orientação sexual: hétero, homo, bi ou assexual. In: Diehl, A.; Vieira, D. L. Sexualidade do prazer ao sofrer. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Roca/Grupo GEN, Cap. 11 p.145-164.
- Dinis, N. F. (2013). Revisitando o binômio sexo-gênero. Revista Ártemis, Vol. XV nº1; jan-jul, pp. 123-134.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021). Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/anuario-15-completo-v7-251021.pdf>. Acesso em: 20 fevereiro 2023.
- Foucault, M. (1993). A história da sexualidade 1: a vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Gaspodini, I. B. & Falcke, D. (2018). Diversidade sexual e de gênero na prática clínica em psicologia. Programa de atualização em psicologia clínica e da saúde. Ciclo 2/ organizado pela sociedade brasileira de psicologia: organizadores, Gorayeb, R., Miyazaki, M. C. & Maycoln, T. Porto Alegre: Artmed panamericana.
- Goffman, E. (1980). Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 3ªed.

- Gomes, A. A. M. & Souza, L. E. C. (2021). Todo religioso é preconceituoso? Uma análise da influência da religiosidade no preconceito contra homossexuais. *Psico*, Porto Alegre, vol 52, n 4, jul/set (pp 1-16).
- Gonzaga, D. (2019). Internalização do movimento LGBT: uma análise da ampliação do espaço social e da participação política nas Relações Internacionais. *Neari em revista*, vol 5, n 7.
- Goodman, L. Snowball Sampling. (1961) In: *Annals of Mathematical Statistics*, 32:148-170.
- Gross, J. & Carlos, P. P. (2015). Da construção da sexualidade aos direitos LGBT: uma lenta conquista. *Revista Direito e Política*, Itajaí, v. 10, n. 2, p. 747.
- Hauer, M. & Guimarães, R. S. (2015). Mães, filhos e homossexualidade: narrativas de aceitação. *Temas de psicologia*, Ribeirão Preto, vol 23, n 3, setembro.
- Hercowitz, A. & Santos, T. E. C. (2021). Desenvolvimento da infância e da adolescência das pessoas LGBTQIA+”. In: Ciasca, S. V.; Hercowitz, A. & Junior, A. L. (2021). *Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar*. 1ª. ed. Santana de Parnaíba: Manole.
- Kubler-Ross, E. (1998). *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 8ª ed.
- Liang, Z. & Huang, Y. (2022). “Strong together”: minority stress, internalized homophobia, relationship satisfaction, and Depressive Symptoms among Taiwanese young gay men> *The Journal of Sex Research*, 59:5, p 621-631.
- Louro, G. L. (2015). *Pedagogia das sexualidades. Territórios de Filosofia*. In: Louro, G. L. (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Moreira, V. & Melo, A. K. (2008). “Minha doença é invisível!”: revisitando o estigma de ser doente mental. *Interação em Psicologia*, Curitiba, jul./dez.(12)2, p. 305-314.
- Mott, L. (2003). *Homossexualidade: mitos e verdades*. Salvador: Grupo Gay da Bahia.

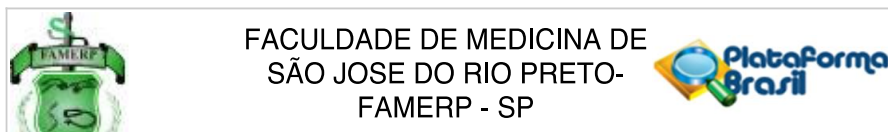
- Nascimento, G. C. M. & Scorsolini-Comin, F. A (2018). Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica. Trends Psychol, Ribeirão Preto, vol. 26, nº 3, p. 1527-1541 - setembro.
- Nascimento, G. C. M. & Scorsolini-Comin, F. (2022). As repercussões do coming out nas famílias de jovens adultos homossexuais. Interação em Psicologia, vol 26, n 1.
- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: Revisão integrativa da literatura. Temas em Psicologia, 23(3), 547-563. doi: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-0>.
- Nunan, A. (2003). Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo. Caravansarai Editora Ltda: Rio de Janeiro.
- Organização Mundial da Saúde. (2016).
- Penrod, J., Preston, D. B., Cain, R. & Starks, M. T. (2003). A discussion of chain referral as a method of sampling hard-to-reach populations. Journal of transcultural nursing, vol 4. n 2, abril (pp100-107).
- Perucchi, J., Brandão, B. C. & Vieira, H. I. S. (2014). Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. Estudos de psicologia, Natal, vol 19, n 1, janeiro/março.
- Pinto, M. J. C., Bruns, M. A. T. & Zerbinati, J. P. (2020). Atenção à saúde da pessoa trans- compreendendo vivências e construindo o cuidado. Programa de atualização em psicologia clínica e da saúde. Ciclo 4/ organizado pela sociedade brasileira de psicologia: organizadores, Gorayeb, R., Miyazaki, M. C. & Maycoln, T. Porto Alegre: Artmed panamericana.
- Porchat, P. (2011). A noção de gênero como operadora conceitual na clínica psicológica. In: Conselho Federal de Psicologia (org). Psicologia e Diversidade Sexual: desafios para uma sociedade de direitos. Brasília: CFP, p.41-48.
- Reis, T. (2007). O movimento homossexual. In Damico, M. N. (Org), Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito da diversidade (pp 101-102). Londrina: EdUel.



- Rondini, C. A., Filho, F. S. T. & Toledo, L. G. (2017). Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio. *Psicologia USP*, São Paulo, vol 28, n 1, janeiro/abril.
- Santos, A. C. (2016). Diversidade sexual e educação: o discurso sobre homossexualidade silenciado nas escolas e o currículo. *Anais III CONEDU*. Campina Grande: Realize Editora. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/20713>>. Acesso em: 14/09/2022.
- Savin-Williams, R. C. & Dubé, E. M. (1998). Parental reactions to their child's disclosure of a gay/lesbian identity. *National Council on Family Relations Stable*, 47(1), 7-13.
- Silva, M. M. L., Frutuozo, J. F. F., Feijó, M. R., Valerio, N. L. & Chaves, U. H. (2015). Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas de psicologia*, Ribeirão Preto, vol 23, n 3, setembro.
- Souza, D. A. A., Nascimento, G. C. M. & Scorsolini-Comin, F. (2020). Revelar-se homossexual: percepções de jovens adulto brasileiros. *Ciencias Psicológicas*, vol. 14, núm. 2, e2229, Facultad de Psicología. Universidad Católica del Uruguay.
- Stein, O., Sang, J. M., Wang, L., Cui, Z., Zhu, J., Lal, A., Card, K. G., Lachowsky, N., Hogg, R. & Moore, D. M. (2023). Factors associated with improvements in symptoms of anxiety and depression among gay, bisexual and other men who have sex with men (gbMSM) in Vancouver, Canada: A prospective cohort study. *Journal of affective disorders*, vol 328, may, p 334-340.
- Taquete, S. R., Rodrigues, A. O. (2015). Experiências homossexuais de adolescents: considerações para o atendimento em saúde. *Interface*, Botucatu.
- Tavares, D. T. & Justi, J. (2018). Homossexualidade no ambiente escolar: o olhar de gestores frente à orientação sexual de adolescentes. *Revista Formação@Docente – Belo Horizonte – V. 10, n 2*.

- Teixeira, F. S., Marretto, C. A. R. & Mendes, A. B. (2012). Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. *Psicologia: ciência e profissão*, 32 (1), 16-33.
- Teixeira-Filho, F. S., Rondini, C. A. & Bessa, J. C. (2011). Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 4, p.725-741, Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n4/a04v37n4.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2017.
- Toledo, L. G. & Filho, F. S. T. (2013). Homofobia familiar: abrindo o armário “entre quatro paredes”. *Arquivos brasileiros de psicologia*, Rio de Janeiro, vol. 65, n 3.
- van Bergen, D. D., Wilson, B. D. M., Russell, S. T., Gordon, A. G., & Rothblum, E. D. (2021). Parental Responses to Coming out by Lesbian, Gay, Bisexual, Queer, Pansexual, or Two-Spirited People across Three Age Cohorts. *Journal of marriage and the family*, 83(4), 1116–1133.
- Zanatta, E. A., Ferraz, L., Klein, M. L., Marques, L. C. & Ferraz, L. (2018). Descobrir, aceitar e assumir a homoafetividade: situações de vulnerabilidade entre jovens. *Revista Fundação Care Online*, Rio de Janeiro, vol 10, n 2, abril/junho (pp 391-398).
- Yogyakarta principles +10 (2017): Additional principles and state obligations on the application of internacional human rights law in relation to sexual orientation, gender identity, gender expression and sex characteristics to complement the Yogyakarta principles. Disponível em <http://yogyakartaprinciples.org/principles-en/yp10//>, pesquisado em 31/08/20

# ANEXO 1



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Perspectivas de Homossexuais: auto identificação e vivências no contexto familiar

**Pesquisador:** Maria Jaqueline Coelho Pinto

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 48451621.6.0000.5415

**Instituição Proponente:** Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto- FAMERP - SP

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.866.059

#### Apresentação do Projeto:

##### INTRODUÇÃO

Ao longo de nossa história a identidade sexual foi construída por discursos sociais, históricos, políticos e culturais e esses discursos fizeram com que a sociedade acreditasse que somente a heterossexualidade fosse natural e correta, isso faz com que haja um sentimento de superioridade em relação as outras orientações sexuais. (RONDINI, FILHO e TOLEDO, 2017).

O descobrimento da homossexualidade nem sempre acontece em um momento determinado, acaba sendo um processo difícil de identificar, já que não é uma necessidade do individuo e sim da sociedade. (COSTA, MACHADO e WAGNER, 2015).

Quando se fala sobre como os jovens vivenciam sua homossexualidade, percebe-se que na dimensão individual eles tem sentimentos de raiva, insegurança e não aceitação e na dimensão social ocorre a exposição à violência, tanto psicológica como física, que pode ser advinda tanto da família como da sociedade. Em relação a família vem o sentimento de medo e culpa para enfrentar o preconceito de seus pais e assumir sua orientação sexual. (ZANATTA, FERRAZ, KLEIN et al, 2018).

A homofobia é um fenômeno complexo e multifacetado, com várias dimensões (social e psicológica) que não se restringe ao individuo, por isso é difícil quebrar o modelo de homofobia assimilada por todos, impedindo a vivência homossexual de forma plena, sem sofrimento homofóbico no ambiente familiar e social. (PERUCCHI, BRANDÃO e VIEIRA, 2014).

**Endereço:** BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416  
**Bairro:** VILA SAO PEDRO **CEP:** 15.090-000  
**UF:** SP **Município:** SAO JOSE DO RIO PRETO  
**Telefone:** (17)3201-5813 **Fax:** (17)3201-5813 **E-mail:** cepfamerp@famerp.br



FACULDADE DE MEDICINA DE  
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO-  
FAMERP - SP



Continuação do Parecer: 4.866.059

Por outro lado, pesquisas mostram que com o aumento das discussões sobre a homossexualidade na mídia e na esfera judicial, com a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo, tem ajudado a desmistificar e desconstruir alguns preconceitos vividos pela sociedade. (LIRA, MORAIS e BORIS, 2016). O declarar-se aos familiares sobre sua orientação sexual é marcada por medos, julgamentos e frustrações tanto para o indivíduo como para os familiares. Pesquisas mostram que um dos motivos de dificuldade no processo de aceitação dos pais a homossexualidade de seus filhos é a religião, onde a mesma a coloca como uma doença ou um desvio do que considera normal. Muitos pais respeitam a orientação sexual dos filhos, mas não entendem, percebem que a orientação sexual não mudou os valores e princípios de seus(suas) filhos(as). (ZANATTA, FERRAZ, KLEIN et al, 2018). Além de todas as preocupações em proteger, os planos de vida feitos (ter filhos e um bom emprego) e expectativas em relação ao futuro de seus(suas) filhos(as) que vem abaixo após a revelação, isso faz com que vivenciem um processo de luto. (COSTA, MACHADO e WAGNER, 2015; TOLEDO e FILHO, 2013).

Após a declaração de sua orientação sexual vem uma sensação de alívio por não mentir mais para seus familiares. (ZANATTA, FERRAZ, KLEIN et al, 2018). Além de poderem viver plenamente sua sexualidade e seus relacionamentos, a ocultação deles trás sofrimento e uma vivência incompleta de sua felicidade. (TOLEDO e FILHO, 2013).

O processo de aceitação das mães começa por entenderem que as causas da homossexualidade são alheios ao seu controle e que não são culpadas por isso. O apoio de amigos(as) e familiares ajuda nesse processo. Os homossexuais que tem esse apoio familiar lidam com sua sexualidade mais facilmente e com menor sofrimento. (HAUER e GUIMARÃES, 2015).

Problemas no processo de comunicação, faz com que se crie os segredos de família e que a família exija um comportamento discreto, o mais próximo dos padrões socialmente aceitos. (SILVA, FRUTUOZO, FEIJÓ et al, 2015). A dependência financeira ajuda na manutenção desse segredo e da submissão aos padrões desejados dos familiares. (TOLEDO e FILHO, 2013).

Então ou jovem é expulso de casa ou ele tem que se privar de expor e vivenciar sua sexualidade para evitar os conflitos familiares. Essa privação de sentimentos e encobrimento de sua sexualidade faz com que os jovens não recebam apoio social e proteção familiar como os jovens heterossexuais recebem, fazendo com que isso afete a saúde desses jovens. (PERUCCHI, BRANDÃO e VIEIRA, 2014).

Muitas vezes, os jovens também não encontram esse apoio na escola. A maioria delas não é inclusiva e democrática, pois não promove a igualdade de gêneros, cidadania, respeito e só

**Endereço:** BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416  
**Bairro:** VILA SAO PEDRO **CEP:** 15.090-000  
**UF:** SP **Município:** SAO JOSE DO RIO PRETO  
**Telefone:** (17)3201-5813 **Fax:** (17)3201-5813 **E-mail:** cepfamerp@famerp.br

Página 02 de 06



FACULDADE DE MEDICINA DE  
SÃO JOSE DO RIO PRETO-  
FAMERP - SP



Continuação do Parecer: 4.866.059

trabalha a sexualidade de forma biológica (gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis), fazendo com a exclusão e as violências homofóbicas continuem tanto por alunos como por professores. (RONDINI, FILHO e TOLEDO, 2017). As escolas que são inclusivas tem alunos que são aceitos, respeitados e com menor chance de desenvolverem problemas psiquiátricos, pois tem uma rede de apoio melhor, já que nessas escolas os pais também participam desses projetos de inclusão. (ALBUQUERQUE e WILLIAMS, 2015).

A família passou por muitas transformações, mas ainda é muito importante para as pessoas nos dias atuais. Por este motivo, a possibilidade de rompimento é o fator mais estressante para o jovem homossexual, que o deixa mais triste e a pior forma de discriminação que se pode passar. (TOLEDO e FILHO, 2013).

Assim, considerando a importância do tema e em busca de compreender os significados e sentidos da vivência de homossexuais sobre o descobrimento de sua sexualidade, a aceitação dela e como foi o processo de se declarar para os familiares que foram elaborados o objetivo deste estudo.

#### MÉTODO

O presente estudo terá como método a pesquisa qualitativa com homossexuais de ambos os sexos, com idade entre 18 e 30 anos, alunos dos cursos da FAMERP. As entrevistas serão realizadas pela perspectiva fenomenológica, a qual consiste em um diálogo norteado por uma questão, no caso dessa pesquisa: Conte-me sobre seu processo de auto identificação de sua homossexualidade e como foi declarar sua orientação afetiva aos seus familiares. As entrevistas serão gravadas e, posteriormente transcritas e analisadas para extração das informações coletadas, serão realizadas em local seguro, definida pela pesquisadora ou pelos colaboradores, garantindo desta forma, o sigilo e a integralidade das informações coletadas.

#### Participantes

Pessoas homossexuais de ambos os sexos, que serão recrutados por meio do método nomeado snowball ou “bola de neve”, forma de amostra que utiliza cadeia de referências, no qual inicialmente se utiliza uma espécie de informante-chave (nesse caso um aluno da FAMERP) ou documento necessário para alcançar pessoas dentro da população geral, que tenham o perfil necessário para a realização da pesquisa. Após o término da primeira entrevista, faz-se a solicitação que o participante realize uma nova indicação de uma outra pessoa que possua o perfil e as características necessárias para a pesquisa, partindo de sua rede de contatos pessoal. Desta forma, a amostragem da pesquisa vai crescendo gradativamente até que se atinja a amostra necessária.

**Endereço:** BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416  
**Bairro:** VILA SAO PEDRO **CEP:** 15.090-000  
**UF:** SP **Município:** SAO JOSE DO RIO PRETO  
**Telefone:** (17)3201-5813 **Fax:** (17)3201-5813 **E-mail:** cepfamerp@famerp.br

Página 03 de 06



FACULDADE DE MEDICINA DE  
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO-  
FAMERP - SP



Continuação do Parecer: 4.866.059

**Critérios de Inclusão:**

Estudantes homossexuais de ambos os sexos, que aceitem participar da pesquisa.

**Materiais**

Questionário sócio demográfico (Apêndice A), criado pela própria pesquisadora para traçar o perfil dos colaboradores(as), com dados referentes à idade, escolaridade, estado civil, religião, cor, idade que ocorreu a auto identificação da homossexualidade e que se declarou a família.

Entrevista compreensiva gravada e previamente orientada, consentida pelos colaboradores. As entrevistas serão realizadas de forma on-line pela plataforma google meet e gravadas, para posterior análise descritiva.

**Procedimento**

Após o contato daqueles que aceitarem participar, além de terem suas dúvidas esclarecidas em relação à pesquisa, um horário será agendado para realização das entrevistas individuais e enviado por e-mail o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B), que garante que suas identidades e informações oferecidas à pesquisadora serão mantidas em sigilo. As entrevistas individuais irão respeitar a conveniência e as condições de privacidade dos colaboradores.

**PLANOS DE ANÁLISE DE DADOS**

De posse dos relatos, submeteremos a análise de dados e informações coletadas por meio das entrevistas. Os dados inicialmente serão transcritos e agrupados por categorias; os depoimentos serão submetidos à análise qualitativa na abordagem fenomenológica, na busca de compreender os significados e sentidos atribuídos pelos colaboradores(as) as suas vivências.

**ASPECTOS ÉTICOS**

O Projeto será enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/SP.

**Endereço:** BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416  
**Bairro:** VILA SAO PEDRO **CEP:** 15.090-000  
**UF:** SP **Município:** SAO JOSE DO RIO PRETO  
**Telefone:** (17)3201-5813 **Fax:** (17)3201-5813 **E-mail:** cepfamerp@famerp.br

Página 04 de 06



FACULDADE DE MEDICINA DE  
SÃO JOSE DO RIO PRETO-  
FAMERP - SP



Continuação do Parecer: 4.866.059

**Objetivo da Pesquisa:**

**OBJETIVO**

Compreender o processo de autoidentificação, autoaceitação e vivência da declaração da orientação sexual aos familiares de pessoas homossexuais.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Os riscos são mínimos, pois os participantes não será submetido a qualquer procedimento/intervenção, mas poderá sentir-se desconforto ao responder a entrevista.

**Benefícios:**

A participação dos estudantes na pesquisa poderá contribuir para novos estudos e benefício a essa população.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa qualitativa, para Compreender o processo de autoidentificação, autoaceitação e vivência da declaração da orientação sexual aos familiares de pessoas homossexuais, será realizada com alunos da FAMERP, com técnica bola de neve, tem o primeiro participante que indica o próximo e assim por diante. As entrevistas serão on line, gravadas para análise posterior

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Atende a resolução 466/12

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012, Resolução nº 510 de 2016 e Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

**Endereço:** BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416  
**Bairro:** VILA SAO PEDRO **CEP:** 15.090-000  
**UF:** SP **Município:** SAO JOSE DO RIO PRETO  
**Telefone:** (17)3201-5813 **Fax:** (17)3201-5813 **E-mail:** cepfamerp@famerp.br



FACULDADE DE MEDICINA DE  
SÃO JOSE DO RIO PRETO-  
FAMERP - SP



Continuação do Parecer: 4.866.059

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1701237.pdf	23/06/2021 08:52:36		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaocarol.pdf	23/06/2021 08:51:59	Maria Jaqueline Coelho Pinto	Aceito
Folha de Rosto	plataforma.pdf	23/06/2021 08:51:47	Maria Jaqueline Coelho Pinto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	13/06/2021 17:34:48	Maria Jaqueline Coelho Pinto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	13/06/2021 17:33:58	Maria Jaqueline Coelho Pinto	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO JOSE DO RIO PRETO, 26 de Julho de 2021

Assinado por:

**BEATRIZ BARCO TAVARES JONTAZ IRIGOYEN**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416  
**Bairro:** VILA SAO PEDRO **CEP:** 15.090-000  
**UF:** SP **Município:** SAO JOSE DO RIO PRETO  
**Telefone:** (17)3201-5813 **Fax:** (17)3201-5813 **E-mail:** cepfamerp@famerp.br

Página 06 de 06



## APÊNDICE 1

### QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

#### DADOS PESSOAIS

Nome: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Tem parceiro:

(. ) Sim

(. ) Não

Cor: \_\_\_\_\_

Religião: \_\_\_\_\_

#### DADOS SOCIOECONÔMICOS

Com quem você mora atualmente: \_\_\_\_\_

Qual sua escolaridade: \_\_\_\_\_

Qual idade tinha quando se autoidentificou como homossexual: \_\_\_\_\_

Qual idade se declarou para sua família: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE 2

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

*(Modelo em acordo com a Resolução nº 466/12 – Conselho Nacional de Saúde)*

**Título do estudo: Perspectivas da homossexualidade: auto identificação e vivências nas relações familiares de universitários.**



Você gostaria de participar de um estudo?

Você está sendo convidado a participar do estudo científico, pela (indicação de um conhecido seu) sua orientação afetivo-sexual (homoafetiva). Pretende-se aprofundar o conhecimento sobre o processo de auto identificação e de comunicação de sua orientação aos familiares, sob o título “Perspectivas de homossexuais: auto identificação e vivências no contexto familiar”.

Esse estudo vem contribuir para auxiliar pessoas (e familiares) que vivem a diversidade sexual e compreender qual sentido e significado atribuem a sua vivência.

#### **DO QUE SE TRATA O ESTUDO?**

Entender como é o processo de auto identificação da orientação afetivo-sexual de pessoas homossexuais, como foi à comunicação a sua família e qual foi à reação deles frente a sua revelação. Entretanto, a qualquer momento você poderá solicitar novas informações, e poderá modificar a decisão de participação assim que desejar.

O objetivo desse estudo é compreender o processo de auto identificação, auto aceitação e vivência profissional da declaração da orientação afetivo sexual aos seus familiares.

## **COMO SERÁ REALIZADO O ESTUDO?**

Você será convidado por meio de ligação telefônica a participar deste estudo.

Após o contato, um horário será agendado para a realização das

entrevistas individuais. A entrevista irá acontecer de forma on-line pela plataforma google meet e serão gravadas.

As entrevistas serão transcritas, não trazendo nenhum risco físico, moral ou ônus financeiro para os participantes, sendo que será mantida em sigilo a identificação dos entrevistados, ou seja, os participantes não serão identificados por nome, apelido ou qualquer outro meio que possibilite sua identificação.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo.

Quando for necessário utilizar os seus dados nesta pesquisa, sua privacidade será preservada, já que seus dados não serão divulgados.

Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados divulgados em eventos ou revistas científicas apenas para fins de estudo.

## **ESSES PROCEDIMENTOS SÃO DESCONFORTÁVEIS OU GERAM RISCOS?**

Os procedimentos poderão trazer os seguintes riscos: possível tristeza ou mal estar subjetivo no decorrer da entrevista.

É possível que você não receba o benefício ao participar deste estudo, porém sua participação irá contribuir para compreender o processo de auto identificação de sua orientação afetivo sexual, auxiliando outros que estão



vivenciando esse mesmo processo. Além de facilitar a comunicação para seus familiares e entender as reações que eles podem vivenciar. Auxiliar no enfrentamento às problemáticas e refletir sobre a situação.

### **O QUE ACONTECE COM QUEM NÃO PARTICIPA DO ESTUDO?**

Não lhe acontecerá nada se você não quiser participar desse estudo.

Também será aceita a sua recusa em participar dessa pesquisa, assim como a sua desistência a qualquer momento, sem que lhe haja qualquer prejuízo de continuidade de qualquer tratamento nessa instituição, penalidade ou qualquer tipo de dano à sua pessoa. Será mantido total sigilo sobre a sua identidade e em qualquer momento você poderá desistir de que seus dados sejam utilizados nesta pesquisa.

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar da pesquisa, durante todo o decorrer do estudo, porém quaisquer despesas que ocorram, como transporte e



alimentação, serão custeadas pelo pesquisador responsável. Você também não receberá pagamento por participar desta pesquisa.

Você será acompanhado de forma integral, estando livre para perguntar e esclarecer suas dúvidas em qualquer etapa deste estudo.

Em caso de dúvidas ou problemas com a pesquisa você pode procurar a **pesquisadora responsável** Ana Carolina Netto Andrade pelo e-mail [caroln@hotmail.com](mailto:caroln@hotmail.com) ou ainda pelo telefone: (17) 992107371.

Para maiores esclarecimentos, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da FAMERP (CEP/FAMERP) está disponível no telefone: (17) 3201-5813 ou pelo email: [cepfamerp@famerp.br](mailto:cepfamerp@famerp.br), localizado na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 5416 em São José do Rio Preto no horário de funcionamento das 7:30 às 16:30 de segunda à sexta.

O CEP (Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos) é um grupo formado por pessoas que trabalham ou não com pesquisa e que realizam a revisão ética inicial e contínua do estudo para manter sua segurança e proteger seus direitos.



Este documento foi feito em duas vias, ficando uma comigo e outra com o pesquisador deste estudo, tendo colocado minha rubrica (assinatura) em todas as páginas deste Termo.

Declaro que entendi este TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

---

Pesquisadora Responsável  
Ana Carolina Netto Andrade

---

Orientadora  
Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Jaqueline Coelho Pinto